

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

VIOLÊNCIA EM RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS ENTRE HOMENS

Aluna: Joyce Hellem Delmiro Martins

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli

Núcleo de Pesquisa Vulnerabilidades e Promoção da Saúde

João Pessoa – PB

2019

JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS

VIOLÊNCIA EM RELACIONAMENTOS ÍNTIMOS ENTRE HOMENS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba para obtenção do grau de Mestre em Psicologia Social.

JOÃO PESSOA – PB

MARÇO/2019

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

M386v Martins, Joyce Hellem Delmiro.
Violência em relacionamentos íntimos entre homens /
Joyce Hellem Delmiro Martins. - João Pessoa, 2019.
120 f.

Orientação: Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

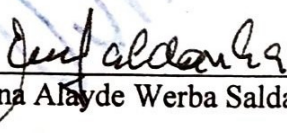
1. Relações homossexuais. 2. VRI - Violência nas
Relações de Intimidade. 3. Vulnerabilidades. I.
Pichelli, Ana Alayde Werba Saldanha. II. Título.

UFPB/BC

CDU 316.837(043)

ATA DE DEFESA DE TESE

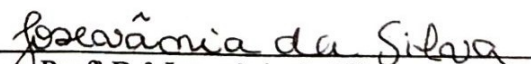
Aos vinte e oito dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove, no Auditório 01 da Central de Aulas, da Universidade Federal da Paraíba, reuniram-se em solenidade pública os membros da comissão designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social para o exame de Defesa de Dissertação da discente **Joyce Hellem Delmiro Martins** (orientanda, UFPB, CPF: 047.885.693-88). Foram componentes da banca examinadora os professores: Dr^a Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli (UFPB, Orientadora, CPF: 380.402.474-20), Dr^a Maria de Fátima Pereira Alberto (UFPB, Membro interno, CPF: 325.180.214-34) e Dr^a Josevânia da Silva (UEPB, Membro externo ao programa, CPF: 041.562.594-71). Na cerimônia compareceram, além da examinada, alunos de pós-graduação, representantes dos corpos docente e discente da Universidade Federal da Paraíba e interessados em geral. Dando início aos trabalhos, a presidente da banca, Prof^a Dr^a Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli, após declarar o objetivo da reunião, apresentou a examinada **Joyce Hellem Delmiro Martins** e, em seguida, concedeu-lhe a palavra para que apresentasse sua dissertação, intitulada: **"Violência em relacionamentos íntimos entre homens"**. Passando então ao aludido tema, a candidata foi, a seguir, arguida pelos examinadores na forma regimental. Ato contínuo, passou a comissão, em secreto, a proceder a avaliação e julgamento do trabalho, concluindo por atribuir-lhe a avaliação **"APROVADO"** na defesa de trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação em Psicologia Social, nível Mestrado. Nada mais havendo a tratar, eu, Julio Rique Neto, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da UFPB, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada por todos, assino juntamente com os membros da banca. João Pessoa, 28 de fevereiro de 2019.



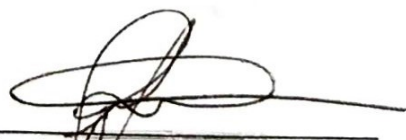
Prof^a Dr^a Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli



Prof^a Dr^a Maria de Fátima Pereira Alberto



Prof^a Dr^a Josevânia da Silva



Prof. Dr. Júlio Rique Neto
Coordenador

Júlio Rique Neto
Coordenador do PPgPS/UFPB
SIAPE: 1520147

AGRADECIMENTOS

Aos **meus pais**, Socorro e José, por estarem sempre torcendo por mim e acreditando nos meus sonhos e projetos, mesmo os mais aleatórios. Sinto o amor de vocês por mim o tempo todo, seja nos telefonemas diários, nas mensagens descontraídas de WhatsApp ou mesmo durante discussões e meses em que não deu certo viajar pro aconchego do meu lar no Ceará. Meu casal preferido, toda a minha gratidão pra vocês.

Ao **meu irmão** Dener, metade de mim, que fez muitos almoços pra nós dois em dias que eu praticamente não podia sair do computador, que me levou a passeios em momentos bons e ruins, que contribuiu de muitas formas materiais e imateriais, às vezes por simplesmente existir: te agradeço demais, Magro.

A **Dan**, que caminha junto comigo, com quem compartilho sonhos desde a graduação, que me coloca pra cima e me ajuda a crescer. Dan, com quem sei que posso contar pra secar minhas lágrimas ou pra me fazer chorar de rir com trocadilhos e imitações geniais: você é uma pessoa maravilhosa! Não tenho nem como agradecer toda a sua ajuda. Se eu cheguei até aqui, foi porque teve dedo seu nessa história, dear.

Às **minhas duas dindas**, Ana Paula e Tereza, cujo carinho atravessa facilmente as centenas de quilômetros que nos separam. Não posso sempre estar com vocês ao vivo, mas sei que de alguma forma sempre estamos juntas. Muito obrigada pelas risadas, por todas as orações que fizeram por mim e por serem minhas segundas mães esse tempo todo.

Ao **meu primo-irmão** e colega temporário de apê Jéff por ser compreensivo e prestativo nas rotinas domésticas durante os dias mais corridos da dissertação. Por vários memes, idas ao Dogão, sorvetes, noites de culinária e violão, obrigada.

À **minha orientadora**, Ana Alayde, por ter acreditado em mim desde que eu era PIVIC na graduação e principalmente por ter me inspirado com sua sensibilidade e empatia, tão opostas à dureza que às vezes atravessa o mundo acadêmico. Muito obrigada, professora!

Ao **grupo NPVPS** pelas contribuições muito relevantes a esse trabalho, mas também pelas reuniões leves, divertidas e repletas de informação que me proporcionaram. Agradecimentos especiais a Michael, que contribuiu de perto com meus trabalhos desde a graduação, seja olhando os dados junto comigo, seja simplesmente elevando minha confiança no que eu produzi.

A todos os **meus amigos e amigas da UFPB**, em especial Patricia, Mylenna, Thaís, Kaline, Tamyres, Marcos, Valéria e Ana Lúcia. Foram anos de lanches e angústias, de

compartilhar conhecimentos e risadas, de mandar mensagem de desespero no Facebook/WhatsApp, de combinar rolês para desopilar. Muito obrigada por deixarem minha caminhada acadêmica mais leve desde a graduação!

A todos os **meus amigos da minha cidade natal**, Crato-CE, em especial Guilherme, Matheus, Tiago TK, Hitalo, Vitória e Ednaldo. Obrigada pelos “vai dar tudo certo”, pelas zoeiras sem fim, composições musicais madrugada adentro, filmes-cabeça e filmes-besteirol, rodízios de pizza caseira, indicações de anime, trilhas ecológicas e todos os rolês em que a gente tanto se diverte. Esses momentos contribuíram muito para o meu bem-estar.

À **minha amiga Rayana** por ouvir meus lamentos e viagens verborrágicas. Por estar presente quando importava, senão de corpo, de apoio e calor humano. Nossos browniezinhas, músicas nostálgicas, debates pretensamente existenciais e dancinhas foram momentos muito importantes que me salvaram em dias difíceis.

À **CAPES**, que viabilizou a execução deste trabalho por meio do oferecimento de bolsa de pesquisa.

A **todos os homens** incrivelmente gentis que contribuíram para a realização do meu trabalho, participando da minha coleta de dados e me ajudando a divulgar a pesquisa. Foi muito gratificante interagir com vocês e conhecer suas histórias. Deixo meu obrigada de coração e espero que esse trabalho venha a acrescentar na luta diária por um mundo mais justo e igualitário.

“O desejo floresce, a posse faz murchar todas as coisas.”

(Marcel Proust)

RESUMO

A violência em relações íntimas (VRI) constitui um dos problemas importantes em nosso país. Não obstante, a mídia e o imaginário social ressaltam apenas casos associados às mulheres em relacionamentos heterossexuais, ou seja, pouco se fala em como a violência pode se expressar num namoro, noivado ou casamento entre dois homens ou duas mulheres. Partindo deste pressuposto, esta dissertação tem como **objetivo geral** compreender a violência entre homens em relações íntimas. Parte-se de uma visão psicossociológica que tem como principais nortes teóricos a perspectiva de gênero de Pierre Bordieu, a perspectiva da Vulnerabilidade de Ayres e a Teoria das Representações Sociais de Moscovici. Está estruturada em três artigos/pesquisas complementares em seus objetivos. O **primeiro artigo** teve como objetivo investigar os conteúdos representacionais da mídia acerca da violência entre homens em relação íntima. Realizou-se um levantamento a partir de busca em portais de notícias jornalísticas, publicados em português, no intervalo de 2008 a 2018. Após seleção por meio de critérios de exclusão, analisaram-se 32 artigos. A partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e da Análise Fatorial de Correspondência (AFC), emergiram cinco Classes discursivas nas quais, de maneira geral, evidencia-se a presença de um discurso majoritariamente direcionado às formas mais extremas de violência, delegando ao segundo plano a exposição de aspectos mais sutis e psicológicos do fenômeno. Além disso, confirma-se o caráter subnotificado do fenômeno. O **segundo artigo** objetivou investigar o quanto a variável preditora (VP) heterossexismo internalizado está associada a variável critério (VC) violência entre casais de homens. Para tanto, utilizou-se: a Escala Revisitada de Resolução de Táticas de Conflito (CTS2) e a Escala de Homofobia Internalizada (HI), além de um questionário sociodemográfico. A amostra foi constituída por trinta homens já estão ou já estiveram em relacionamento amoroso com outro homem, com idades variando de 20 a 50 anos ($M= 27,25$, $DP=7,5$). Analisaram-se os escores dos participantes na escala CTS2 para obter dados de prevalência das diferentes táticas de conflito. Observou-se que a tática mais utilizada pelos participantes na resolução dos conflitos é a Negociação ($M=18,73$, $DP=6,02$), seguida da Agressão Psicológica ($M=12,44$, $DP=5,87$). Os participantes em média pontuaram alto na subescala Identificação Pública como Gay ($M=32,74$, $DP=8,93$). Não se verificou associação entre as escalas, o que pode ser creditado ao tamanho reduzido da amostra. Assim, esse estudo não possibilita verificar se o heterossexismo internalizado é um preditor da violência entre casais de homens. Contudo, verificaram-se associações entre a identificação pública como gay e a aceitabilidade moral de ser gay ($\rho=.636$, $p<0,01$), Aceitabilidade Moral e Percepção de Estigma ($\rho=.378$, $p<0,05$), Tempo de relacionamento e Negociação ($\rho=.374$, $p<0,05$) Agressão Física e Agressão Psicológica ($\rho=.467$, $p<0,05$), Agressão Psicológica e Coerção Sexual ($\rho=.593$, $p<0,05$) e Religiosidade e Tempo de Relacionamento ($\rho=.465$, $p<0,05$). De maneira geral, os dados indicam que a violência entre homens é um fenômeno muito frequente que pode ser capturado mesmo em amostras pequenas, o que denuncia a urgência de se trazer visibilidade ao problema. O **terceiro artigo** teve o objetivo de conhecer as vivências de homens em relação íntima com outro homem. Foram entrevistados 7 homens gays com idades entre 27 e 40 anos ($M= 32,7$, $DP= 4,7$) e o conteúdo das entrevistas foi submetido à análise de conteúdo proposta por Bardin, que originou cinco grandes categorias temáticas: Vulnerabilidades e Violências, Apoio Social,

Desdobramentos das Experiências, Construção da Identidade e Negociação/Parceria. As análises indicaram que as vivências dos homens estão frequentemente atravessadas por elementos de violência dos quais eles são ora vítimas, ora perpetradores. **Em conjunto**, os resultados obtidos nesta dissertação apontam que a violência nos relacionamentos entre homens se manifesta em níveis elevados e só pode ser compreendida levando-se em conta as especificidades das práticas afetivas que vão além da heteronormatividade.

Palavras-chave: Violência nas Relações de Intimidade, Relacionamentos do mesmo sexo; Vulnerabilidades.

ABSTRACT

Violence in intimate relationships (VRI) is one of the major problems in our country. Nonetheless, the media and the social imagery highlight only cases associated with women in heterosexual relationships, that is, little is said about how violence can be expressed in dating, engagement or marriage between two men or two women. Based on this assumption, this dissertation aims to understand the violence between men in intimate relationships. It is based on a psycho-sociological view that has as main theoretical ground the Pierre Bordieu's gender perspective, Ayres's perspective on Vulnerability of and Moscovici's Social Representations Theory. It is structured in three complementary articles/ researches in its objectives. The **first article** aimed to investigate the representational contents of the media about violence between men in intimate relationship. A survey was carried out based on the search of electronic newspapers, published in Portuguese, between 2008 and 2018. After selection through exclusion criteria, 32 articles were analyzed. From the Descending Hierarchical Classification (CHD) and Factorial Correspondence Analysis (AFC), five discursive Classes emerged in which, in general, the presence of a discourse mainly directed to the most extreme forms of violence, delegating the more subtle and psychological aspects of the phenomenon to the background. In addition, the underreporting of the phenomenon is confirmed. The **second article** aimed to investigate how much the predictive variable (PV) Internalized Heterosexism is associated with the criterion variable (VC) Violence between Men's couples. The Revised Conflict Tactics Resolution Scale (CTS2) and the Internalized Homophobia Scale (IH) were used, as well as a sociodemographic questionnaire. The sample consisted of thirty men who are currently or at least once were in a relationship with another man, ranging in age from 20 to 50 years old ($M = 27.25$, $SD = 7.5$). We analyzed the scores of the participants in the CTS2 scale to obtain data on the prevalence of different conflict tactics. It was observed that the most used tactic by participants in conflict resolution is Negotiation ($M = 18.73$, $SD = 6.02$), followed by Psychological Aggression ($M = 12.44$, $SD = 5.87$). Participants tended to score high on the subscale Public Identification as a Gay Man ($M = 32.74$, $SD = 8.93$). There was no association between the scales, which can be credited to the small sample size. Thus, this study does not allow us to verify whether internalized heterosexism is a predictor of violence between couples of men. However, there were associations between Public Identification as Gay and Moral Acceptability of Being Gay ($\rho = .636$, $p < 0.01$), Moral Acceptability and Stigma Perception ($\rho = .378$, $p < 0.05$) ($Rho = .593$, $p < 0.05$), Psychological Aggression and Sexual Coercion ($\rho = .593$, $p < 0.05$), and Religiosity and Relationship Time ($\rho = .465$, $p < 0.05$). In general, the data indicate that violence among men is a very frequent phenomenon that can be captured even in small samples, which denounces the urgency of bringing visibility to the problem. The **third article** aimed to understand the experiences of men in intimate relationships with other men. Seven gay men aged 27 to 40 years ($M = 32.7$, $SD = 4.7$) were interviewed and the contents of the interviews were submitted to the content analysis proposed by Bardin, which originated five broad thematic categories: Vulnerabilities and Violence, Social Support, Consequences of the Experiences, Identity Building and Negotiation/Partnership. The analysis indicated that the experiences of men are often traversed by elements of violence of which they are either victims or perpetrators. The results obtained in this dissertation altogether point out that violence in relationships between men manifests at alarming levels and can only be understood by taking into account the specificities of affective practices that go beyond heteronormativity.

Keywords: Violence in Intimate Relationships; Same-sex relationships; Vulnerabilities.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	III
RESUMO	VI
ABSTRACT.....	VII
LISTA DE SIGLAS.....	XI
LISTA DE TABELAS	XII
LISTA DE FIGURAS.....	XIII
<i>Apresentação.....</i>	14
<i>Introdução.....</i>	18
<i>Aspectos históricos</i>	20
<i>Violência e política</i>	22
<i>Perspectivas de Gênero e Violência</i>	25
<i>Heteronormatividade</i>	31
<i>CAPÍTULO I - O que dizem os jornais? Violência entre homens em relacionamentos íntimos e mídia jornalística</i>	35
<i>Resumo</i>	36
<i>1.1 Introdução</i>	37
<i>1.2 Método</i>	40
<i>1.3 Resultados</i>	43
<i>1.4 Considerações Finais</i>	47
<i>1.5 Referências</i>	48
<i>CAPÍTULO II - Violência em relacionamentos entre homens e heterossexismo internalizado</i>	50
<i>Resumo</i>	51
<i>2.1 Introdução</i>	53
<i>2.2 Método</i>	56
<i>2.3 Resultados</i>	60
<i>2.4 Considerações Finais</i>	65

2.5 Referências	65
CAPÍTULO III - Vivências em relacionamentos entre homens: um olhar sobre as Vulnerabilidades.....	70
<i>Resumo</i>	71
3.1 Introdução	73
3.2 Método	78
3.3 Resultados	80
Categoria I: Vulnerabilidades e Violências	81
Categoria II: Apoio Social	86
Categoria III: Desdobramentos das Experiências	88
Categoria IV: Construção da Identidade	89
Categoria V: Negociação/Parceria	91
3.4 Considerações Finais	92
3.5 Referências	94
Capítulo IV – Considerações Finais.....	98
Capítulo V - Referências	102
Apêndices	106

LISTA DE SIGLAS

AFC – Análise Fatorial de Correspondência

CHD – Classificação Hierárquica Descendente

CIDH – Comissão Interamericana de Direitos Humanos

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CTS2 – Conflict Tactics Scale Revisited

HI – Homofobia Internalizada

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais

ONG – Organização Não-Governamental

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

RS – Representações Sociais

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

VRI – Violência nas Relações de Intimidade

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Notícias encontradas por ano de referência

Tabela 2 – Estatísticas descritivas das variáveis de teste

Tabela 3 –. Correlações entre as dimensões da HI e a variável idade

Tabela 4 – Correlações entre as dimensões da CTS2 e as variáveis sociodemográficas

Tabela 5 – Caracterização dos participantes

Tabela 6 –Categorias e subcategorias da análise

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

Figura 2. Análise Fatorial de Correspondência (AFC) mostrando a relação espacial entre as Classes.

Figura 3. Dimensões das escalas HI e CTS2.

Apresentação

A violência em relacionamentos é um problema onipresente na sociedade brasileira. Esse problema muitas vezes ainda é naturalizado ou abrandado, seja na mídia, no entretenimento de massa ou no imaginário popular. Ao mesmo tempo, quando a violência é percebida e denunciada, os olhares quase sempre se dirigem ao “casal tradicional”: um homem e uma mulher. Pouco se fala em como a violência pode se expressar num namoro, noivado ou casamento entre dois homens ou duas mulheres.

Entretanto, a literatura começa a mostrar que essa violência não apenas existe, mas é tão devastadora quanto aquela vivida em relacionamentos entre homem e mulher (Blosnich & Bossarte, 2009; Chan, 2005; Kay & Jeffries, 2010; Luz & Gonçalves, 2014). Trata-se de uma experiência que vem acompanhada de ainda mais silêncio e ainda maior subnotificação quando se trata de parceiros(as) do mesmo sexo: é o “armário duplo” que descreve Castedo em reportagem à BBC News Brasil (2017).

Essas reflexões sugerem a existência de um novo braço das pesquisas sobre violência em relacionamentos amorosos, que se especializa na interseção entre a violência e as questões LGBT. Contudo, os estudos brasileiros ainda são escassos e, muitas vezes, carecem de dados qualitativos substanciais para aprofundar os resultados (Luz & Gonçalves, 2014).

Nessas páginas, priorizamos oferecer uma perspectiva abrangente do fenômeno da violência entre homens em relação íntima. Para isso, é importante olhar o fenômeno com a multiplicidade que ele exige: não buscando exclusivamente nos sujeitos as causas da violência, nem os removendo completamente da equação. Buscamos, em primeiro lugar, compreender diferentes visões de mundo e de ser humano para, em seguida, posicionar-se teórica e politicamente. O posicionamento político é, antes de tudo, inevitável nas ciências que lidam com o social. Este tipo de trabalho surge também para mostrar que uma tomada de posição é imprescindível.

Assim, tivemos como **objetivo geral** compreender a violência entre homens em relações íntimas e, como **objetivos específicos**: a) investigar os conteúdos representacionais da mídia acerca da violência entre homens em relação íntima; b) associar a violência entre homens em relação íntima com o heterossexismo internalizado e c) conhecer as vivências de homens vítimas de violência em relação íntima com outro homem.

Cabem aqui duas observações importantes a respeito da nomenclatura utilizada no texto. Em primeiro lugar, diversos estudos que encontramos para a composição do marco teórico se referem à “violência entre homens gays” e entre homens em “relações homossexuais”. Evitamos a expressão “homens gays” ou a expressão “relações homossexuais” quando nos referimos aos participantes do estudo, numa tentativa de reduzir a invisibilidade que as pessoas bissexuais ainda enfrentam, mesmo no meio acadêmico, com o apagamento da sua orientação (Rodríguez, 2016). Dessa forma, quisemos reforçar que, ainda que alguns homens estejam em dado momento em um relacionamento com outro homem, esse fato não implica necessariamente que se percebem como homossexuais. Preferimos a denominação “relacionamentos íntimos”, ainda que dotada de certo nível de ambiguidade, por contemplar melhor o que percebemos como um espectro amplo da sexualidade humana. Em segundo lugar, buscamos evitar o termo “homofobia” pela etimologia que remete a um modelo explicativo biologizante, que limita a apreensão de aspectos sociais e institucionais do preconceito frente a pessoas homossexuais. Além disso, o sufixo “fobia” não contempla adequadamente o sentimento de hostilidade ou *desconforto* com que a literatura da Psicologia Social caracteriza o preconceito (Lima, 2013). Preferimos, assim, o termo “heterossexismo”, que expressa uma conotação mais sociológica do fenômeno (Costa & Nardi, 2015).

Na Introdução, consideramos importante trazer diversas definições da violência, de abordagens mais tipológicas às mais explicativas. Em seguida, descrevemos brevemente algumas formas e significados da violência ao longo da história. Entendendo as relações

estreitas que a violência estabelece com a política, passamos a uma reflexão sobre a natureza humana e o surgimento do Estado como uma alternativa à violência.

Ainda na Introdução, dedicamo-nos a entender a relação entre os papéis de gênero, a construção da masculinidade padrão e a violência. Para isso, apresentamos a perspectiva histórica de gênero de Joan Scott e o conceito de dominação masculina de Pierre Bordieu. Acrescentamos, ainda, reflexões sobre a heteronormatividade na visão de Judith Butler e o heterossexismo internalizado na perspectiva de Nunan, Jablonski e Carneiro.

Em seguida, se apresentam os capítulos empíricos, constituindo-se cada um em um artigo, assim intitulados: I) O que dizem os jornais? Violência entre homens em relacionamentos íntimos e mídia jornalística, II) Violência em relacionamentos entre homens e heterossexismo internalizado e III) Vivências em relacionamentos entre homens: um olhar sobre as Vulnerabilidades. No Capítulo IV é feita uma interface entre os três estudos propondo-se a responder o objetivo geral deste estudo, seguida de considerações finais. Por fim apresentamos as referências externas aos artigos, além dos anexos e apêndices.

Introdução

A tipologia proposta por Pinker (2003), que adapta um modelo proposto por Baumeister, engloba ao mesmo tempo tipos e objetivos da violência. O autor divide a violência em cinco categorias distintas: a violência prática (ou instrumental), cujo emprego pressupõe a obtenção de uma vantagem; a violência de dominação, que se traduz no impulso de subjugar um outro; a violência de vingança, que consiste no impulso para retaliar, a violência de sadismo, cujo principal objetivo é obter prazer pelo sofrimento do outro e, por fim, a ideologia.

A teoria psicodinâmica, amparada nos estudos de Sigmund Freud, defende a existência de uma pulsão para a vida – “eros” e outra para a morte – “tânatos”, e a expressão desta última se daria primeiro no comportamento autodestrutivo e, posteriormente, no redirecionamento da agressão para um outro (Freud, 1932). Crisp e Turner, entretanto, apontam para as limitações empíricas desse modelo explicativo, que não pôde ser verificado a partir de experimentos (Crisp & Turner, 2013).

Utiliza-se a expressão “violência” também para descrever um estado de coisas, que poderia representar uma agressão hipertrofiada (Sanmartín, 2006; Ursua, 2007). A violência enquanto estado de coisas pode possuir como agente o próprio Estado, através de ações que perpetuam uma situação de exclusão dos seus governados, um fenômeno descrito como violência estrutural (Miguel, 2014).

Minayo e Souza propõem uma definição que leva em consideração o caráter polissêmico da violência, que definem como ações humanas de indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam a morte de outros seres humanos ou que afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual. Na verdade, só se pode falar de violências, pois se tratar de uma realidade plural, diferenciada, cujas especificidades necessitam ser conhecidas (1998, p. 514).

Por ser histórica e por ser produzida em cada sociedade, Souza e Minayo, (2005), afirmam que a violência pode aumentar ou diminuir pela força da construção social. Suas

formas mais cruéis – que ocorrem nos níveis coletivos, individuais e privados – precisam ser analisadas junto com as modalidades mais sutis, escondidas e simbólicas, de forma muito profunda e aberta, para que todos possam colaborar.

As teorias sobre a violência aqui apresentadas oferecem diferentes enfoques na abordagem de um mesmo, e complexo, fenômeno. Dado que consideramos a violência um fenômeno plural, assim como Minayo e Souza, partiremos da perspectiva das autoras para fundamentar nossas reflexões.

Aspectos históricos

O problema da violência caminhou com a humanidade ao longo de toda a sua história, sofrendo diversas modificações de acordo com o tecido cultural, moral, espiritual e histórico com o qual as sociedades o vestiram.

A princípio, mesmo a ideia da violência como um “problema” possui lugares e períodos específicos. A história conta com muitos exemplos de sociedades clássicas em que a violência era não apenas um elemento rotineiro, mas exaltada e legitimada pela ideologia dominante. Em sua obra “Os Anjos Bons da Nossa Natureza”, Steven Pinker defende, com dados sobre a brutalidade entre os povos pré-históricos, mesopotâmicos, greco-romanos e cavaleiros da Idade Média, que a violência era tida como natural e insuperável. Traçando um comparativo histórico, o autor sustenta que a violência vem diminuindo consideravelmente (Pinker, 2013).

Por plausíveis que sejam os argumentos de Pinker frente a uma flagrante diminuição da violência ao longo dos séculos, outros autores ressaltam uma situação diferente – a violência não apenas não diminuiu, mas, em alguns casos, aumentou. Em entrevista à revista Época, o filósofo John Gray tece uma crítica a Pinker ao afirmar que a violência não diminuiu, apenas tomou novas formas, amparada pela globalização e amplo acesso à internet

(Gorcieski, 2015). Gray ressalta, ainda, que uma das poucas razões para a diminuição na frequência dos massacres é o estado de terror entre as nações, proporcionado pelo amplo poder bélico nuclear, uma observação também feita mais de quarenta anos antes por Arendt em seu *Da Violência* (2004).

Na cultura ocidental, e especificamente na cultura brasileira, aparentemente evitamos expor crianças à violência e pregamos uma cultura da paz. Talvez isso seja reflexo da destruição trazida especialmente pelas duas grandes guerras do século XX. Porém, ao mesmo tempo, existe um movimento de banalização da violência, que faz com que ela deixe de ser um fator condenável e se torne um objeto de entretenimento. Seja no jogo eletrônico amplamente popular *God of War*, seja nos filmes sangrentos dirigidos por Quentin Tarantino, seja nos noticiários televisivos de meio-dia que notificam de assaltos a assassinatos brutais, o “mal” passa por um paradoxo: deixa de ser percebido como natural ao longo dos séculos para se tornar, novamente, naturalizado. Naturalização semelhante se encontra em Arendt ao descrever a Alemanha nazista: pessoas comuns, simples trabalhadores seguindo ordens do Governo, eram capazes de cometer inúmeras atrocidades (Arendt, 1999).

Explicar o que está na base dessa banalização da violência na nossa sociedade é tarefa exaustiva, porém podemos partir de um importante elemento que molda o pensamento ocidental: o Cristianismo. Na Bíblia cristã, a violência está presente em numerosas passagens, e a descrição dos atos é, de acordo com o historiador Nilo Odália:

(...) um abecedário completo e variado, que vai da violência física à violência sutil e maliciosa do estupro ao fratricídio, do crime passionai ao crime político. Na Bíblia podemos dar uma tipologia completa da violência” (1983, citado por Barazal, 2014, p. 81)

Além disso, como pontua Pinker, os valores pregados no Velho Testamento tendiam à omissão frente ao assassinato de crianças e idosos, estupro, objetificação e escravização de mulheres. Na Bíblia, retratam-se episódios em que pais vendem suas filhas a estrangeiros, esposos torturam suas esposas para ter com elas relações sexuais, vencedores na guerra dispõem das mulheres dos derrotados para o próprio prazer sexual (Pinker, 2013). Cabe salientar que, ao longo dos séculos, o pensamento cristão delegou às mulheres um papel submisso cujas repercussões se evidenciam na atualidade, o que será discutido com maiores detalhes em capítulo posterior. Aqui cabe observar, afinal, que uma das religiões mais acolhidas no mundo ocidental carrega em si uma história de violência flagrante, a despeito dos valores de caridade e tolerância comumente associados a ela.

Violência e política

A aproximação entre os conceitos de violência e de política pode ser encontrada no pensamento de diversos pensadores clássicos das ciências políticas. Destacam-se aqui, por sua relevância e universalidade, as visões de Maquiavel e Hobbes.

Nicolau Maquiavel foi um dos primeiros pensadores, e talvez um dos mais importantes, a propor uma separação entre as dimensões moral e política do comportamento humano (Sartori, 1997). Para o autor, a conveniência do ato político é mais importante do que suas implicações morais, em especial nas situações de crise (Maquiavel, 1532/2002). Assim, com ele teve início um conjunto de reflexões de diversos autores no sentido de estabelecer distinção entre a violência do Estado e a violência dos indivíduos. Mais ainda, a violência passou a ser entendida como o elemento que prospera sem a ação do Estado e que se dissolve com sua intervenção. Sendo o Estado o agente da ação política, a violência passou a ser compreendida como a antítese da política. Surge, daí, uma contradição: estando a ação

política pautada em instrumentos de coerção facilmente classificáveis como violentos, como pode ela própria fugir à classificação de violenta?

Na explicação desse dilema, fazemos referência ao estado de natureza como foi descrito por Hobbes. De acordo com o pensador, o ser humano no estado de natureza se guia por três motivações básicas: a competição, a insegurança e a glória. A competição diz respeito à eliminação do Outro. O segundo se refere à desconfiança de uns em relação aos outros, o que leva muitas vezes um indivíduo a atacar antes que seja atacado (armadilha hobbesiana) e a formar alianças com semelhantes para destruírem um inimigo comum. O terceiro e último se conecta ao conceito de honra, à proteção da própria imagem ou do grupo de pertença (Ursua, 2007). Viver no estado de natureza pressupõe, assim, utilizar-se da violência para atingir seus fins, constantemente barrados pela vontade concorrente de um Outro. Tal processo resulta desagregador e exaustivo, o que leva os indivíduos a desejarem uma forma eficiente de proteção: uma terceira parte que está acima dos conflitos e tem a neutralidade necessária para o controle e a tomada de decisões, um Leviatã (Pinker, 2003). Assim, Hobbes propõe que o Estado é a passagem do estado de natureza para o Estado civil. Essa passagem se dá quando os indivíduos abdicam da possibilidade de usar sua força individualmente e atribuem esse direito a um indivíduo ou conjunto de indivíduos, formando assim um contrato social (Bobbio, 2000).

Nesses termos, somos levados a pensar que toda ação do Estado é automaticamente validada por meio do contrato social. Para evitar generalizações apressadas à compreensão do contrato social, é importante trazer o conceito de legitimidade: uma ação estatal é legítima a partir do momento em que é reconhecida pelos governados (Bobbio, 2000). É, portanto, nessa autorização tácita que o Estado se torna a única entidade cuja violência é legitimada e ainda mais, cuja atitude coercitiva deixa de ser violência para ser apenas um instrumento de efetivação das normas. A partir do momento em que um chefe de Estado abusa do seu poder

oprimindo o povo, deixa de ser reconhecido e rompe-se nesse momento o contrato social (Rousseau, 1954).

Portanto, é coerente compreendermos a política como uma dimensão estranha à violência, porém não totalmente separada dela, visto que há violência sem política, mas não pode haver política sem que antes tenha havido violência. A violência encontra na política sua máxima repressão, muito mais do que nos demais comportamentos humanos. Isso nos leva a pensar que solucionar o problema da violência implicaria no fim da política, visto que o comportamento social enfim seria autorregulado e dispensaria o uso de ferramentas de coerção para sua manutenção (Bobbio, 2000).

Embora as definições apresentadas se pautem em visões distintas do ser humano, Maquiavel e Hobbes compartilham em certo nível a descrição do homem “mau por natureza”, inclinado à competição e à traição. Por outro lado, o também contratualista Rousseau aponta para uma natureza humana benigna que se corrompe a partir da vida em sociedade (Bobbio, 2004).

As visões conflitantes dos autores clássicos possuem repercussões profundas nas abordagens ao problema da violência. Atualmente, o paradigma mais aceito tanto na Psicologia Social quanto em diversas outras ciências busca negar o essencialismo, apontando para aspectos biológicos, históricos, e psicossociais dos comportamentos humanos (Lane, 1984). Ora, se o homem não tem uma natureza violenta e nem uma natureza pacífica, isso significa que seu comportamento pode ser modelado de acordo com a cultura. Sendo o Estado um elemento central nas diferentes culturas, e sendo também o utilizador da força física por excelência, cabe a esta entidade instituir medidas para que essa força seja cada vez menos utilizada. Para Arendt (citada por Miguel, 2014), a política é o campo da concordância, dos acordos, no qual se espera que os conflitos sejam atenuados.

Porém, o que acontece quando a violência parte do próprio Estado? Miguel (2014) propõe uma reflexão sobre de que formas o Estado contribui para o aumento da violência, seja através da omissão, seja através de ideologias que incentivam o preconceito e a discriminação entre seus cidadãos. Um exemplo é o caso de Maria da Penha Maia Fernandes, uma farmacêutica bioquímica que durante anos foi vítima de agressões e abusos brutais perpetrados pelo marido, Marco Antonio Heredia Viveros. Quando Maria da Penha recorreu do crime na Justiça, esperou por mais de 15 anos sem que o Governo Brasileiro tomasse as medidas cabíveis para punir o agressor. O caso foi denunciado à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH), tornando-se assim amplamente conhecido e motivando a elaboração de uma lei de proteção à mulher em situação de violência doméstica. A CIDH alegou que a omissão do Estado consistiu em nova violência contra Maria da Penha (CIDH, 2001).

Percebe-se, então, que o Estado não se isenta de cometer as mesmas formas de violência excessiva que descrevemos ao longo deste capítulo. Assim, se faz mister uma análise mais detalhada do papel do Estado na contenção da violência, em especial da violência em relacionamentos amorosos.

Perspectivas de Gênero e Violência

Até o presente momento do trabalho, discutimos a violência na história sem que se atribuisse aos atos a um gênero específico, ou fossem levadas em consideração as interações entre os gêneros. Joan Scott denuncia a ausência de mais estudos que enfocam o gênero, afirmando ser essa a abordagem predominante da história: uma história sem gênero ou porque presume necessariamente a liderança de homens, ou porque subestima o impacto da perspectiva das mulheres (Scott, 1995). Evidencia-se, porém, que esse modo de enxergar a

história se deve, em grande parte, aos papéis delegados ao masculino e ao feminino ao longo das sociedades e até os dias atuais.

Scott propõe, então, que o gênero seja posto em evidência enquanto categoria de análise histórica, não mais como um objeto secundário na compreensão dos acontecimentos históricos (Scott, 1995). Os esforços dela e de diversas autoras feministas principalmente a partir dos anos 70 reforçam o que se convencionou denominar “Teoria de Gênero” ou “estudos de gênero” (Rabelo, 2010).

Scott sintetiza sua definição de gênero nestas duas ideias centrais: “um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos” e “uma forma primária de dar significado às relações de poder.” (1995, p. 86). A expressão “diferenças percebidas” reflete como a autora percebe no gênero um caráter eminentemente social, ao qual faz eco Judith Butler em seu *Problemas de Gênero*: “o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado” (Butler, 1999, p. 10).

Rabelo acrescenta a essa discussão que os estudos de gênero consideram a diferença entre os sexos como uma construção social. Diferença que não pode servir como desculpa para desigualdades, mas como motivo para analisar as peculiaridades dos dois sexos, o que implica um não-acatamento das diferenças assentes simplesmente no aspecto biológico e uma rejeição dos enfoques naturalistas (Rabelo, 2010, p. 162).

Os estudos de gênero proporcionam um olhar crítico sobre os lugares do masculino e do feminino em nossa sociedade e por isso são um caminho possível para entender a violência de gênero. Destacamos, no entanto, a natureza complexa das Teorias de Gênero. Embora comumente descritas como um bloco uniforme, elas abrangem uma miríade de ideias, correntes e

concepções, algumas bastante divergentes entre si (Tilio, 2014). No presente capítulo, passaremos a uma reflexão sobre a dominação masculina com Pierre Bordieu.

Apesar de não se enquadrar entre as perspectivas clássicas de gênero, a obra de Bordieu, especialmente nos ensaios de *A Dominação Masculina*, evidencia a categoria de gênero enquanto dispositivo de manutenção e perpetuação das relações de poder. Assim, a obra do sociólogo francês dialoga com nomes expressivos dos estudos de gênero como Judith Butler (Bezerra, 2015).

Joan Scott associa à sua ideia de gênero a tendência cultural de engessar as categorias feminina e masculina. Ela explica que conceitos normativos levam a uma falsa dicotomia em que homem e mulher se diferenciam por características fixas e imutáveis, ou seja, existe apenas um conjunto limitado de condutas aceitas para o feminino e o masculino (Scott, 1995). Isso nos direciona à conclusão de que em termos de aceitação e legitimidade social, há poucas formas de ser homem, e essas formas são protegidas e propagadas pelas ideologias dominantes: religião, ciência, mídia, etc.

Acerca das pré-concepções sustentadas e alimentadas pelo saber científico sobre a divisão sexual, Bordieu enfatiza:

não é raro que os psicólogos retomem por conta própria a visão comum dos sexos, como conjuntos radicalmente separados, sem interseção, e ignorem o grau de recobrimento entre as distribuições de performances masculinas e femininas, e as diferenças (de grandeza) entre as diferenças constatadas nos diversos domínios (da anatomia sexual à inteligência). Ou, o que é mais grave, que, na construção e descrição de seu objeto, muitas vezes eles se deixem guiar pelos princípios de visão e de divisão inscritos na linguagem comum, seja quando se empenham em medir diferenças evocadas na linguagem — como o fato de que os homens seriam mais "agressivos" e

as mulheres mais "temerosas"—, seja quando usam termos correntes, e portanto prenhes de juízos de valor, para descrever tais diferenças. (2012, p.10).

É sobre a afirmação dessa realidade engessada que Bordieu constrói uma explicação acerca de como se institui o masculino enquanto “sexo forte”. Para ele, o conjunto de crenças e concepções de masculinidade tem uma origem muito simples: parte das diferenças anatômicas entre os órgãos genitais masculino e feminino. Essa simples diferença incorpora um sem-número de simbologias antitéticas, como o cheio e o vazio, o em cima e o embaixo, o público e o privado. O cheio representa algo de positivo, remete à plenitude, enquanto o vazio representa o nada, o embotamento. Esse emaranhado simbólico é absorvido e materializado na percepção das diferenças entre os corpos e aos poucos vai definindo as características “inerentes” à masculinidade e à feminilidade. Em determinado ponto, deixam de ser apreendidas como uma diferença biológica, natural, entre os sexos. Afirma o autor acerca da lógica masculina: “ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada.” (2012, p. 33).

Bordieu também enfatiza a importância dos rituais de passagem que se impõem aos meninos desde a infância para construção da virilidade. Esses rituais, que vêm na forma de jogos e brincadeiras com conotação sexual, carregam no seu pano de fundo o objetivo de distanciar o menino das características tidas como femininas e iniciá-lo na identidade sexual masculina (Bordieu, 2012). Nesses fragmentos, a aproximação com Freud é evidente e o próprio autor a resgata à medida que toma emprestadas diversas concepções freudianas sobre falo e poder (Freud, 1905/1996).

Uma vez explanados os processos por meio dos quais a dominação masculina se estabelece, o autor introduz o conceito de violência simbólica. A violência simbólica é por ele definida como uma situação permanente de desigualdade e opressão em que um indivíduo

dominado não percebe sê-lo e, mais ainda, percebe o lugar de submissão como natural. Assim, ainda que o dominado se perceba em desvantagem, as forças da ordem social o levam a crer que a situação nunca irá mudar, desencadeando um estado permanente de subserviência e docilidade. O autor ressalta que mesmo mudanças na configuração social que permitam maior liberdade ao dominado não o isentam do sentimento de privação internalizado (Bordieu, 2012). Esse conceito é importante na compreensão de como se legitimam e se sustentam as relações de poder de um sobre o outro, na perspectiva do *dominado*.

Quando fala sobre a masculinidade na perspectiva do *dominante*, Bordieu a descreve como uma carga: uma obrigação de se mostrar viril, de expressar decisão, agressividade e violência de maneira constante diante da sociedade. Nas palavras do teórico: “O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade.” (2012, p. 64). Robert Connell, outro teórico que se debruçou sobre os estudos de gênero, cunhou um termo para se referir a esse conjunto de expectativas sociais sobre o masculino: “masculinidade hegemônica” (Connell & Messerschmidt, 2013).

Faz-se imprescindível observar o que Bordieu chama de vulnerabilidade masculina. O homem prova sua força através de atos violentos por medo de ser excluído do grupo de homens “viris”, diante de quem não pode fraquejar sua reputação. Paradoxalmente, essa demonstração masculina de coragem por temor à exclusão é a demonstração da sua covardia (Bordieu, 2012).

Nos últimos anos, intensificaram-se os debates acerca da violência perpetrada e sofrida no âmbito doméstico. Utilizaremos, neste trabalho, a definição proposta numa cartilha do Ministério da Saúde voltada para profissionais (2002):

toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de um membro da família. Pode ser cometida dentro e fora de casa, por qualquer integrante da família que esteja em relação de poder com a pessoa agredida. Inclui também as pessoas que estão exercendo a função de pai ou mãe, mesmo sem laços de sangue”. (p. 15).

A investigação acerca da violência doméstica insere contradições à visão tradicional de família: se, por um lado, a esfera familiar é percebida como âmbito de proteção para seus membros mais vulneráveis, por outro, pode abrigar diversas formas de opressão contra estes mesmos membros (Day e cols., 2003). As formas mais conhecidas de violência doméstica, de acordo com a tipologia proposta por Dahlberg e Krug (2007), são: Física, Psicológica, Sexual e Privação/Abandono. Os alvos da violência doméstica também podem variar, de acordo com a mesma tipologia, entre criança, idoso e parceiro íntimo. Day e colaboradores dão destaque, ainda, a dois alvos comuns desse tipo de violência, que são a pessoa com deficiência e a pessoa com transtornos mentais (Day e cols., 2003).

Entre os tipos de violência doméstica, destacamos neste trabalho aquela que ocorre especificamente entre parceiros íntimos, também denominada Violência nas Relações de Intimidade (VRI). A diferença entre os dois conceitos é que um é mais global, abarcando as violências que se manifestam nos diferentes níveis de parentesco e relacionamento, enquanto o segundo diz respeito exclusivamente aos relacionamentos afetivo-sexuais (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009).

As formas de violência física, psicológica, sexual e de privação anteriormente citadas podem compreender diversos comportamentos. A violência física pode envolver tapas, socos, empurrões, queimaduras, cortes, estrangulamentos, tirar a pessoa de casa à força, negligenciar cuidados com a saúde, etc. Dentro da violência psicológica, podem se incluir humilhação,

chantagens, insultos constantes, ameaças, isolamento de amigos e familiares, entre outros. Na violência sexual, podem ocorrer carícias indesejadas, penetração forçada, exposição indesejada a material pornográfico, impedimento ao uso de contraceptivos, exibicionismo e masturbação forçados, entre outros (Brasil, 2001).

Heteronormatividade

Os homens, mesmo quando desafiam a expectativa social de se relacionar exclusivamente com mulheres, têm dificuldade de abandonar os padrões que foram ensinados a reproduzir sobre o masculino. No final de *A Dominação Masculina*, Bordieu (2012) tece considerações a respeito dos movimentos gay e lésbico, entre as quais cabe destacar uma fala particular sobre as vivências dos homens:

A particularidade desta relação de dominação simbólica é que ela não está ligada aos signos sexuais visíveis, e sim à prática sexual. A definição dominante da forma legítima desta prática, vista como relação de dominação do princípio masculino (ativo, penetrante) sobre o princípio feminino (passivo, penetrado) implica o tabu da feminilização, sacrilégio do masculino, isto é, do princípio dominante, que está inscrito na relação homossexual. Comprovando a universalidade do reconhecimento concedido à mitologia androcêntrica, os próprios homossexuais, embora sejam disso (tal como as mulheres) as primeiras vítimas, aplicam a si mesmos muitas vezes os princípios dominantes: tal como as lésbicas, eles não raro reproduzem, nos casais que formam, uma divisão dos papéis masculino e feminino (Bordieu, 2012, p. 144).

Assim, homens tendem a se guiar pelas concepções do masculino enquanto sujeito de dominação. Um fator agravante se evidencia quando levamos em conta o caráter “tudo ou nada” da masculinidade – a ruptura das regras implica numa aproximação com o feminino, o que acentua a instabilidade (Bourdieu, 2012).

Na introdução do livro *Undoing Gender*, Judith Butler nos oferece uma série de questionamentos a respeito dos custos sociais de desfazer-se, ou romper com a norma dominante e assumir a própria identidade: o mais alto desses custos talvez seja a ausência de reconhecimento social. Isso porque ser socialmente reconhecido(a) implica em aderir aos pressupostos e normativas da convivência em sociedade, que para alguns coincidentemente harmonizam com sua identidade, mas para outros significa abrir mão dela. O indivíduo que percebe em si características desviantes da norma está exposto a um dilema fundamental: abdicar do reconhecimento social, da qual precisa para ter bem-estar, ou abdicar dos próprios desejos e necessidades, dos quais igualmente precisa para ter bem-estar (Butler, 2004).

No livro *A Invenção da Heterossexualidade*, o historiador e ativista gay Jonathan Ned Katz relembra que a heterossexualidade é o padrão, o modo “socialmente correto” de expressar nossa identidade em termos de atrações e afetos, o que pode transmitir a falsa ideia de que sempre se pensou dessa forma. Segundo Katz, ainda que seja óbvio que o sexo entre dois órgãos genitais distintos existe desde o princípio da humanidade, não faz muito tempo que a heterossexualidade foi incorporada aos repertórios culturais enquanto uma sexualidade possível, e ainda mais como a sexualidade predominante (Ambrosino, 2017; Katz, 1996).

Para explicar o percurso desse conceito dentro da história, o historiador resgata reflexões de Foucault sobre as tradições dos antigos gregos, cuja percepção da sexualidade era muito mais ampla: não havia rótulos para classificar o desejo específico por uma pessoa do mesmo sexo ou sexo oposto. Mesmo milênios depois, na sociedade vitoriana em que Freud cresceu e divulgou sua teoria da sexualidade revolucionária, a palavra “heterossexual” ainda

não integrava o repertório dos estudiosos da sexualidade humana. O termo surgiu em relatos médicos de meados do século XIX e, surpreendentemente, era associado à perversão sexual: na época, os estudiosos percebiam o heterossexual como alguém que possui desejos eróticos para além da simples finalidade reprodutiva, sendo percebidos, assim, como ainda mais desviantes que o homossexual, que acreditavam ser uma pessoa “invertida” (Katz, 1996).

Com essas observações, Katz (1996) afirma que a heterossexualidade até então não existia: ela foi “inventada” por uma necessidade de se apontar e eliminar o diferente. O autor acrescenta que foi principalmente através dos trabalhos de Freud que a heterossexualidade, associada ao prazer com ou sem finalidade reprodutiva, foi consolidada enquanto modelo de saúde mental e equilíbrio psíquico. As críticas de Katz ao eminente psiquiatra austríaco são diretas na defesa desse ponto: “A história de Dora mostra a visão que Freud tinha da vida como um melodrama com um elenco brilhante formado por pessoas livres de conflitos que buscavam o prazer” (1996, p. 68).

É possível, como próprio Katz o faz, tecer paralelos entre os seus questionamentos frente à sexualidade “normativa” e os questionamentos de historiadoras feministas a partir dos anos 60 e 70: estas chamavam a atenção para um masculino subentendido na história das civilizações, uma realidade dada, que dispensava estranhamento (Scott, 1995).

Entender a heterossexualidade como um padrão evidência que pressões sociais se impõem para que esse padrão se perpetue. Assim, o conceito de *heteronormatividade* abrange o conjunto de normas culturais que posicionam a heterossexualidade como único meio socialmente legitimado de expressar a sexualidade (Chambers, 2002). O termo abriga semelhanças com a “heterossexualidade compulsória”, conceito dos estudos de gênero que descreve uma consequência da percepção dos gêneros como binários e estáveis. Essa percepção

pressupõe não apenas uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere também que o desejo reflete ou expressa o gênero e que o gênero reflete ou expressa o desejo. Assume-se que a unidade metafísica dos três se conhece e se expressa verdadeiramente num desejo diferenciador por um gênero oposicional, ou seja, na forma de uma heterossexualidade oposicional. Seja como um paradigma naturalista que estabelece uma continuidade causal entre o sexo, gênero e desejo ou como um paradigma autêntico-expressivo no qual se diz que um verdadeiro eu se revela simultaneamente ou sucessivamente no sexo, gênero e desejo, aqui o “velho sonho da simetria”, como Irigaray o chamou, é pressuposto, reificado e racionalizado. (Butler, 1999, p. 30, tradução nossa).

Portanto, quaisquer desejos de se relacionar com pessoas do mesmo sexo são percebidos como desvios da conduta heterossexual ou, nas palavras de Butler, *subversão* (Butler, 1999). Refletindo sobre ideais masculinos hegemônicos, Robert Connell nos lembra um dos desdobramentos do código rígido que se impõe à masculinidade: o policiamento constante da heterossexualidade. Esse estado de vigilância pune os homens que se relacionam com homens e os coloca numa posição de inferioridade em relação aos homens heterossexuais (Connell, 2013).

Evidencia-se, nessa dinâmica, um erro comum que se comete a partir da naturalização de determinados pressupostos morais e comportamentais: a sexualidade e a identidade social são mutáveis e fluem apesar das cobranças sociais sobre a afetividade (Silva, 2006). Louro (1997) afirma ser impossível definir um ponto no tempo ou no desenvolvimento onde começa a identidade sexual ou de gênero, visto que estas estão sempre em estado de mudança.

**CAPÍTULO I - O que dizem os jornais? Violência
entre homens em relacionamentos íntimos e mídia
jornalística**

Resumo

Este estudo teve como objetivo investigar os conteúdos representacionais da mídia acerca da violência entre homens em relação íntima. Realizou-se uma revisão sistemática da literatura por meio de busca em portais de notícias jornalísticas, publicados em português, no intervalo de 2008 a 2018. Após seleção por meio de critérios de exclusão, analisaram-se 32 artigos. A partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e da Análise Fatorial de Correspondência (AFC), emergiram cinco Classes discursivas nas quais, de maneira geral, evidencia-se a presença de um discurso majoritariamente direcionado às formas mais extremas de violência, delegando ao segundo plano a exposição de aspectos mais sutis e psicológicos da violência. Além disso, confirma-se a subnotificação do fenômeno.

Palavras-Chave: Violência entre Casais de Homens; Mídia; Representações Sociais.

Abstract

This study aimed to investigate media's representational contents on violence between men in intimate relationships. A systematic review of the literature was carried out by searching journalistic news portals, published in Portuguese, between 2008 and 2018. After selection by exclusion criteria, 32 articles were analyzed. Through Descending Hierarchical Rating (DHR) and Factorial Correspondence Analysis (FCA), five discursive Classes emerged in which, in general, the presence of a discourse mainly directed to the most extreme forms of violence emerged, delegating to the background the exposure of more subtle and psychological aspects of violence. In addition, the underreporting of the phenomenon is confirmed.

Keywords: Violence among Men Couples; Media; Social Representations.

1.1 Introdução

As produções artístico-culturais humanas estão em diálogo com os símbolos culturais de um povo. Assim, é seguro afirmar que os veículos de comunicação falam a linguagem (ou as linguagens) da sociedade em que se inserem. A globalização tem como um dos efeitos sobre as sociedades contemporâneas a forte relação entre as diversas manifestações da mídia e os valores ético-morais que os indivíduos adquirem desde a infância (Njaine & Vivarta, 2005).

Descrever como a violência em relacionamentos se reproduz nos discursos da imprensa, ou seja, como essa violência é transmitida e interpretada pela sociedade, pode guiar uma maior compreensão de como o fenômeno se torna visível (quando este se torna visível). Nesta perspectiva, a Teoria das Representações Sociais de Moscovici (1978) fornece ferramentas para entender esses processos.

Na consolidação da sua teoria, Moscovici parte das Representações Coletivas de Durkheim. Estas, contudo, são mais voltadas a explicar a difusão da religiosidade e dos mitos de uma dada cultura. Sendo estes fenômenos de lenta transformação, as Representações Coletivas são mais rígidas e atravessam mais de uma geração. As Representações Sociais possuem uma roupagem mais dinâmica e maleável, que se ajusta às rápidas mudanças socioeconômicas características da contemporaneidade (Oliveira & Werba, 2003).

Entende-se por representações sociais (RS) um conjunto de teorias elaboradas dentro do convívio social e que se fazem difundir pela comunicação entre as pessoas (Jodelet, 2001). As Representações Sociais partem de informações oferecidas pelo conhecimento científico, mas dele se distinguem devido à finalidade principal: enquanto a ciência em sua forma pura busca explicações para os fenômenos por meio da objetividade e do método, o as

representações sociais buscam dar sentido aos acontecimentos e orientar formas de pensar e agir diante da realidade social (Moscovici, 1978).

Os teóricos RS descrevem dois mecanismos por meio dos quais o abstrato integra o cotidiano: ancoragem e objetivação. A ancoragem se dá quando, conhecendo um objeto novo, os indivíduos o incorporam às categorias de objetos já conhecidas. É, portanto, o processo de classificar. Já na objetivação, que é o mecanismo posterior, um objeto que antes era abstrato, de difícil apreensão, é trazido ao plano concreto e, assim, facilmente identificável (Chaves & Silva, 2013). Apenas esses dois processos já fazem notar que as representações sociais não são compartilhadas de maneira uniforme pela sociedade inteira. Elas refletem a heterogeneidade e as relações de poder existentes nos grupos sociais, inclusive cabendo mais a uns do que outros o papel (o poder) de construir sentidos (Porto, 2009).

As RS, enquanto formas de saber imbuídas de elementos “informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, atitudes, opiniões, imagens, etc.” (Jodelet, 2001) se produzem na esfera dos discursos, que podem surgir de diversas formas. Moscovici (1978) analisa em sua obra seminal o fenômeno da psicanálise, uma área do conhecimento até então pouco conhecida pelo público geral, e que passou a figurar em diversos meios de comunicação da época. Para ele, interessa perceber de que forma diferentes fontes significam o saber psicanalítico. Os dados encontrados por Moscovici sugerem três formas de comunicação das informações: difusão, propagação e propaganda.

A difusão é mais impessoal e divulga uma nova informação com o objetivo principal de entreter, mas se apoiando numa linguagem que incentiva a formação de opiniões. A propagação, por sua vez, busca incorporar a informação nova a um sistema já estabelecido de normas e valores grupais e essa informação até que satisfaça os interesses do grupo, incentivando a formação de atitudes. Já a propaganda parte de uma visão de mundo

maniqueísta que divide o bem e o mal e busca incentivar comportamentos que protejam os interesses do grupo que divulga a informação (Allain & Camargo, 2007).

Os meios de comunicação, enquanto veículos que propagam representações dos fenômenos, produzem alterações nas dinâmicas de poder dentro de uma sociedade. Assim, são ao mesmo tempo instrumentos de transformação e manutenção de um sistema vigente. Njaine e Vivarta (2005) atentam para a função social dos meios de comunicação:

Além de influenciar comportamentos, os meios de comunicação contribuem concretamente para a construção de políticas públicas, na medida em que agenda debates na sociedade e, conseqüentemente, nas instâncias governamentais. Ao determinarem quais temas terão destaque nas discussões na esfera da sociedade, tornam-se o fiel da balança com poder, por exemplo, para fazer prevalecer políticas públicas de segurança com perfil repressivo ou preventivo. Portanto, muito mais que fomentador do comportamento violento de um cidadão, a mídia deve ser entendida como instrumento de controle social que contribui (ou não) para que o Estado assuma definitivamente seu papel à frente dessas questões. (p. 73).

Em artigo de 2013, Nildo Viana analisa discursos hegemônicos da imprensa acerca da violência. Viana se vale de abordagens sociológicas da linguagem extraídas da escola francesa da análise de discurso, mais especificamente a teoria da enunciação de Bakhtin. O objetivo, segundo o autor, é entender que um discurso nunca é neutro ou “inocente”, pois emerge de uma posição social específica e tem um papel determinado nas relações de poder. Para entender um discurso, é importante que se observe para além da sua estrutura e composição e se direcione o olhar ao lugar social de onde esse discurso parte (Viana, 2009, citado por Viana, 2013).

É nessa perspectiva de análise que o autor aponta para uma tendência de naturalização da violência no discurso jornalístico, reflexão também presente em Njaine e Vivarta (2005). Pelo menos duas características são frequentes: a ausência, no conteúdo jornalístico, de

estímulos para que cidadãos comuns denunciem a violência e a ênfase nos aspectos situacionais do episódio de violência. Esta última resulta na culpabilização dos agentes particulares da violência, mas deixa de considerar a responsabilidade do Estado no controle do problema e incorre, assim, em moralismo (Njaine & Vivarta, 2005).

Essa questão parece ainda mais evidente frente a grupos minoritários e frequentemente invisibilizados: quando se fala em mídia jornalística e população LGBT, existe ainda hoje uma baixa representatividade nos grandes veículos de comunicação, que muitas vezes retratam gays, lésbicas, bissexuais e transexuais de maneira essencializadora, reforçando estereótipos comumente associados aos grupos (Darde & Morigi, 2012). No Brasil, algumas iniciativas buscaram preencher essa lacuna: o final dos anos 70 trouxe “O Lampião da Esquina”, um jornal impresso de mídia independente com conteúdos direcionados exclusivamente à cena LGBT. Posteriormente o jornal foi cancelado, porém existem hoje alguns portais online que oferecem, entre outros conteúdos, notícias associadas às questões LGBT, como os brasileiros Superpride, ObservatorioG, iGay e Athosgls e o internacional Buzzfeed.

Assim, buscando compreender a violência entre homens em relações íntimas, este estudo tem como objetivo investigar os conteúdos representacionais da mídia acerca da violência entre homens em relação íntima

1.2 Método

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo quantitativo-qualitativo, documental, de corte transversal. Esse tipo de estudo procura, organiza e analisa informações relevantes em fontes de dados

preexistestes, contribuindo dessa forma com a investigação de um determinado fenômeno (Gil, 2008).

Processo de seleção das notícias: critérios de inclusão e exclusão

A base de dados foi composta por 32 notícias retiradas de diversos jornais online acerca de episódios de violência entre homens em relação íntima. Inicialmente, realizaram-se buscas por expressões moderadas de violência com as palavras-chave “homossexual agride companheiro”, porém a busca não retornou resultados publicados em jornais. Utilizaram-se, então, os seguintes conjuntos de palavras-chave: “homossexual mata companheiro”, “homossexual ciúmes companheiro”, “homem mata companheiro” e “homem mata namorado”. Para garantir a atualidade das informações, buscamos restringir a busca a notícias dos últimos 10 anos. Os critérios para inclusão de uma notícia no banco de dados foram: (i) estar disponível *online* em portal de notícias de grande circulação e (ii) ter uma data situada no intervalo 2008-2018. Com base nesse critério, descartaram-se 4 notícias por repetição e também por estarem publicadas em blogs e serviços de menor circulação. As notícias consideradas na análise são distribuídas, por ano de referência, de acordo com a Tabela 1.

Tabela 1 – Notícias encontradas por ano de referência									
2008	2009	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
1	2	2	1	2	4	1	3	10	6

Tabela 1. Notícias encontradas por ano de referência.

Procedimentos de análise de dados

Num primeiro momento, os textos das reportagens foram organizados em um único arquivo de texto, denominado *corpus* textual, e submetidos à análise a partir do software IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses MULTidimensionnelles de Textes Et de Questionnaires*), desenvolvido por Pierre Ratinaud como uma ferramenta para análise estatística de textos e tabelas (Ratinaud, 2009). O IRAMUTEQ trabalha com o mesmo sistema de classificação do software Alceste (*Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segment de Texte*) (Reinert, 1990) para analisar um *corpus* textual: inicialmente o software processa integralmente os textos inseridos, denominados unidades de contexto iniciais (UCIs). A seguir, o programa divide o conjunto de dados em segmentos de tamanho semelhante, as unidades de contexto elementares (UCE), que serão então agrupados de acordo com suas similaridades. Desse agrupamento surgem fatores, ou classes, que conterão as palavras mais frequentemente associadas entre si. A partir daí, os dados são representados por duas técnicas principais: A Classificação Hirárquica Descendente (CHD) e a Análise Fatorial de Correspondência (AFC). A CHD produz um dendograma que oferece as palavras mais centrais de cada classe numa ordem da mais representativa à menos representativa. A AFC oferece uma representação visual das classes num plano fatorial de dois eixos, permitindo, assim, observar as formas como as classes se aproximam e se distanciam em significados (Saraiva, Coutinho & Miranda, 2011).

Como o *software* analisa frequências de acordo com sequências repetidas de caracteres, foi necessário corrigir erros de digitação esporádicos e uniformizar, na medida do possível, nomes próprios escritos de maneira distinta dentro da própria notícia e entre notícias.

Caso esse cuidado não seja tomado, o programa interpreta cada variante das palavras como uma nova palavra, produzindo viés na análise de frequência.

Além disso, de forma a manter na análise apenas os elementos textuais mais relevantes, alteramos as propriedades-chave da seleção de palavras do *software*. Trata-se de uma configuração que permite selecionar quais classes gramaticais de palavras serão retidas pelo Iramuteq e consideradas na análise, podendo estar sujeitas a três tratamentos: “eliminar”, “forma ativa” ou “forma suplementar”. De acordo com o manual de Camargo e Justo: “a lógica é trabalhar com os elementos de linguagem ‘plenos’ como ativos: adjetivos, formas não reconhecidas, nomes (substantivos), verbos; e com nomes (substantivos) e verbos auxiliares como complementares (suplementares); eliminando as ‘palavras instrumento’.” (2016, p. 14).

Os dados foram interpretados e significados à luz da Teoria das Representações Sociais de Serge Moscovici (1979), que permitiu identificar nos discursos diferentes imagens e símbolos compartilhados pelos grupos sociais acerca da violência.

1.3 Resultados

O corpus foi composto de 32 unidades de contexto iniciais (UCI) que foram, a seguir, quebradas em 209 segmentos de texto. Destes, 163 foram retidos pela CHD (78%), o que se considera um índice de retenção aceitável para análises (Camargo & Justo, 2016). A análise sugere a existência de 5 Classes discursivas no discurso midiático acerca da violência entre homens em relação íntimas, como pode ser visto na figura 1.

Ainda de acordo com a Figura 1, o corpus sofreu duas subdivisões: inicialmente as Classes 5 e 2 foram separadas das Classes 1, 3 e 4, e posteriormente houve uma nova subdivisão em que a Classe 1 se diferenciou das Classes 3 e 4.



Classe 5 – 25,1%		Classe 2 – 14,1%		Classe 1 – 14,7%		Classe 3 – 28,2%		Classe 4 – 17,8%	
Ênfase no caráter passional e ciúmes		Crimes com confissão e ausência de culpa		Crimes brutais e ênfase nos conflitos		Cenários do crime e ênfase na vítima		Atuação policial e judicial	
Palavra	χ^2	Palavra	χ^2	Palavra	χ^2	Palavra	χ^2	Palavra	χ^2
Briga	21.76	Matar	34.31	Ano	34.26	depoimento	20.07	justiça	33.80
Vizinho	20.12	confessar	27.03	assassinar	29.36	pessoa	15.84	agressor	28.78
Vez	15.35	planejar	18.60	Morto	22.48	dinheiro	15.84	tribunal	18.30
Terminar	15.35	Jovem	15.36	companheiro	21.27	dizer	12.47	medida	18.30
Suspeita	15.35	Último	11.97	Tiro	17.70	manter	11.53	encaminhar	15.56
Local	15.12	Preso	11.67	partilhar	17.70	usar	10.43	proteção	14.12
Polícia	14.51	namorado	9.87	domingo	17.70	roupa	10.43	caso	9.29
Morar	14.25	Acordo	9.17	Bahia	17.70	arma	10.43	temporário	9.18
Ciúme	14.25	suspeito	7.12	Gay	17.50	contar	9.18	situação	9.18
Agredir	14.01	Militar	6.97	Prender	11.87	criminoso	7.77	Decisão	9.18

Figura 1. Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD).

A Classe 5 (em lilás), intitulada "Ênfase no caráter passional e ciúmes", mantém relação forte com as Classes 1 e 2, o que se pode visualizar no gráfico da AFC (ver fig. 2), em que as Classes se aproximam e se confundem numa visualização espacial. A Classe enfatiza os conflitos vivenciados dentro do relacionamento entre dois homens e se concentra em episódios mais passionais em que os supostos autores agredem motivados por ciúmes. Palavras que simbolizam a Classe 5 são: "ciúme", "agredir", "briga".

A Classe 2 (em cinza) foi intitulada "Crimes com confissão e ausência de culpa" e foi a menos representativa do corpus, retendo 14,1% dos segmentos de texto. Esta Classe se aproxima da Classe 1 nos relatos de violência mais brutais, porém se diferencia por dar ênfase a episódios em que o suspeito confessa o crime. Esta classe também enfatiza uma certa frieza e ausência de culpa dos autores dos crimes, como pode ser observado no segmento de texto:

"um homem foi preso após confessar ter matado o namorado de acordo com a polícia em são_paulo o suspeito conviveu com o corpo durante dias no apartamento da vítima". Palavras representativas são: "namorado", "planejar", "confessar".

A Classe 1 (em vermelho), nomeada "Rotulação da sexualidade e ênfase nos conflitos", organiza discursos que enfatizam o relacionamento íntimo dos envolvidos, o que a aproxima da Classe 5. Porém, nesse conjunto apresentam-se contextualizações de conflitos mais gerais de relacionamento entre os casais. Nesta classe, também se observa maior rotulação da sexualidade dos indivíduos, frequentemente apresentados nas notícias como "homossexuais" ou "gays". Entre as palavras mais associadas à classe, pode-se citar: "partilhar", "companheiro" e "gay".

A Classe 3 (em verde), designada "Cenários do crime e ênfase na vítima", é a mais representativa de todo o corpus, abrigando 28,2% dos segmentos de texto. Nesta classe se encontram descrições mais detalhadas dos crimes, com relatos sobre o cenário onde se deu o crime e reações de vizinhos e familiares. Os discursos apontam mais para detalhes sobre a vítima do que sobre o agressor, alguns inclusive, quando referentes a violência não-letal, contando com depoimentos das vítimas sobre o acontecido. Palavras: "depoimento", "roupa", "contar".

organizariam espacialmente umas em relação às outras, ou seja, suas aproximações e distanciamentos.

No eixo horizontal da AFC, duas diferentes abordagens do mesmo tema, que é a violência, se opõem: à direita, os discursos concentram uma abordagem mais situacional, focada no episódio específico retratado na notícia. Assim, há na parte direita do gráfico uma preocupação mais imediatista em *comunicar uma ocorrência*, remetendo à função de difusão explicitada por Moscovici (1978). À esquerda, por sua vez, predomina uma abordagem mais social, que situa a violência entre homens em relações íntimas como um problema que merece atenção do Estado. A preocupação aqui não se restringe a comunicar, mas busca ancorar o problema às representações de violência preexistentes, num processo similar à função de propagação (Alain & Camargo, 2007).

No eixo vertical, existe uma visão geral sobre a violência entre parceiros íntimos na parte superior e uma visão mais específica, direcionada à violência entre parceiros homens. Essa interpretação se deve à presença, na metade inferior, de termos que integram representações da afetividade entre homens, como “homossexual” e “gay”. É nos dois quadrantes inferiores, que os conteúdos representacionais da mídia jornalística se tornam mais evidentes.

Cabe salientar que estes diferentes vieses discursivos podem estar presentes simultaneamente em uma mesma notícia, porém em algumas um ou outro olhar predomina.

1.4 Considerações Finais

Observou-se que, de maneira geral, os discursos da mídia jornalística tendem à naturalização e à culpabilização dos indivíduos, falhando em oferecer um panorama mais

amplo da violência. Uma possível explicação é que algumas notícias são retiradas de boletins policiais, voltados ao relato objetivo e situacional (Njaina & Vivarta, 2005).

Outro elemento que surgiu em vários discursos é a frequente rotulação dos indivíduos como “homossexuais” com base apenas no relacionamento com outro homem. Essa abordagem jornalística contribui para o apagamento de outras orientações sexuais, tais como bi ou pansexual. Esse problema se faz presente não apenas no jornalismo, mas na mídia em geral e expõe o despreparo dos profissionais para trabalhar com as temáticas LGBT (Darde & Morigi, 2012; Rodríguez, 2016).

Uma das limitações mais expressivas deste estudo foi a escassez de notícias em jornais de maior circulação. Além disso, a natureza dos crimes descritos no corpus se restringiu a agressão física, morte ou agressão seguida de morte. A dificuldade em encontrar notícias relacionadas com formas psicológicas de agressão é mais um dado que reflete as limitações da mídia jornalística tradicional (Njaina & Vivarta, 2005).

Sugerimos estudos futuros que se voltem às representações sociais da violência entre homens sob a ótica de outros agentes do tecido social. Um direcionamento interessante seria investigar representações sociais sobre a violência a partir da análise de comentários dos internautas nesse tipo de notícia. Assim, seria possível identificar como diversos grupos sociais percebem e dão visibilidade ao problema.

1.5 Referências

Allain, J. M., & Camargo, B. V. (2007). O papel da mídia brasileira na construção das representações sociais de segurança alimentar. *Psicologia: teoria e prática*, 9(2), 92-108.

- Camargo, B. V. & Justo, A. M. (2016). *Tutorial para uso do software Iramuteq*. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado de: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>>
- Chaves, A. M. & Silva, P. L. (2013). Representações Sociais. In L. Camino, A. R. Torres, M. E. Lima, & M. E. Pereira (Eds.). *Psicologia social: temas e teorias*, 411-462. Brasília: Technopolitik.
- Darde, V. & Morigi, V. (2012). Diversidade sexual no jornalismo brasileiro: um estudo sobre as representações da população LGBT nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo. *Brazilian Journalism Research*, 8(1), 149-165.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. Jodelet, D. (2001). *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ.
- Moscovici, S. (1979). *El psicoanálisis, su imagen y su publico*. Buenos Aires: Huerrul.
- Njaine, K.; Vivarta, V. (2005). Violência na mídia: excessos e avanços. *Direitos negados: a violência contra a criança e o adolescente no Brasil*. Brasília: Unicef, 71-95.
- Oliveira, F. O. & Werba, G. C. (2003). Representações sociais. Em Jaques, M. G. C. (Org.). *Psicologia social contemporânea* (104-117). 8 ed. Petrópolis: Vozes.
- Porto, M. S. G. (2009) Mídia, segurança pública e representações sociais. *Tempo Social, Revista de Sociologia da USP*, 21(2), 211-233.
- Reinert, M. (1990). ALCESTE, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, 28: 24-54.
- Rodriguez, J. M. (2016). Queer Politics, Bisexual Erasure: Sexuality at the Nexus of Race, Gender, and Statistics. *UC Berkeley*. Recuperado de <<https://escholarship.org/uc/item/8hv987pn>>
- Viana, N. (2013). As Representações da Violência no Discurso Jornalístico. *Comunicação & Política*, 31(2), 37-56.

CAPÍTULO II - Violência em relacionamentos entre homens e heterossexismo internalizado

Resumo

Este artigo objetivou investigar o quanto a variável preditora (VP) heterossexismo internalizado está associada a variável critério (VC) violência entre casais de homens. Para tanto, utilizaram-se a Escala Revisitada de Resolução de Táticas de Conflito (CTS2) e a Escala de Homofobia Internalizada (HI), além de um questionário sociodemográfico. Os dados foram coletados por meio de questionário online e submetidos a análises bivariadas por meio do pacote SPSS. A amostra foi constituída por trinta homens que já estão ou já estiveram em relacionamento amoroso com outro homem, com idade variando de 20 a 50 anos ($M = 27,25$, $DP = 7,5$). Analisaram-se os escores dos participantes na escala CTS2 para obter dados de prevalência das diferentes táticas de conflito. Observou-se que a tática mais utilizada pelos participantes na resolução dos conflitos é a Negociação ($M = 18,73$, $DP = 6,02$), seguida da Agressão Psicológica ($M = 12,44$, $DP = 5,87$). Os participantes em média pontuaram alto na subescala Identificação Pública como Gay ($M = 32,74$, $DP = 8,93$). Não se verificou associação entre as escalas, o que pode ser creditado ao tamanho reduzido da amostra. Assim, esse estudo não possibilita verificar se o heterossexismo internalizado é um previsor da violência entre casais de homens. Contudo, verificaram-se associações entre a identificação pública como gay e a aceitabilidade moral de ser gay ($\rho = .636$, $p < 0,01$), Aceitabilidade Moral e Percepção de Estigma ($\rho = .378$, $p < 0,05$), Tempo de relacionamento e Negociação ($\rho = .374$, $p < 0,05$) Agressão Física e Agressão Psicológica ($\rho = .467$, $p < 0,05$), Agressão Psicológica e Coerção Sexual ($\rho = .593$, $p < 0,05$) e Religiosidade e Tempo de Relacionamento ($\rho = .465$, $p < 0,05$). De maneira geral, os dados indicam que a violência entre homens é um fenômeno muito frequente que pode ser capturado mesmo em amostras pequenas, o que denuncia a urgência de se trazer visibilidade ao problema.

Palavras-Chave: Violência entre Casais de Homens, Heterossexismo Internalizado; Táticas de Resolução de Conflitos.

Abstract

This article aimed to investigate how much the predictive variable (PV) Internalized Heterosexism is associated with criterion variable (CV) Violence between Men Couples. For this, the Revised Scale of Conflict Tactics Resolution (CTS2) and the Internalized Homophobia Scale (HI) were used, as well as a sociodemographic questionnaire. Data was collected through an online questionnaire and submitted to bivariate analyzes using SPSS package. The sample consisted of thirty men who are or were in a relationship with another man, ranging in age from 20 to 50 years ($M = 27.25$, $SD = 7.5$). We analyzed the scores of the participants in the CTS2 scale to obtain data on the prevalence of different conflict tactics. It was observed that the tactic most used by participants in conflict resolution is negotiation ($M = 18.73$, $SD = 6.02$), followed by Psychological Aggression ($M = 12.44$, $SD = 5.87$). Participants on average scored high on the Public Identification subscale as Gay ($M = 32.74$, $SD = 8.93$). There was no association between the scales, which can be credited to the small sample size. Thus, this study does not allow us to verify whether internalized heterosexism is a predictor of violence between couples of men. However, there were associations between

public identification as gay and moral acceptability of being gay ($\rho = .636, p < 0.01$), Moral Acceptability and Stigma Perception ($\rho = .378, p < 0.05$) ($\rho = .593, p < 0.05$), Psychological Aggression and Sexual Coercion ($\rho = .593, p < 0.05$) and Religiosity and Relationship Time ($\rho = .465, p < 0.05$). In general, data indicate that violence among men is a very frequent phenomenon that can be captured even in small samples, which denounces the urgency of bringing visibility to the problem.

Keywords: Violence among Men Couples; Internalized Heterosexism; Conflict Resolution Tactics.

2.1 Introdução

A Violência em Relações Íntimas (VRI) é uma forma de violência que ocorre no âmbito dos casais em diferentes modelos de relacionamento, tais como namoro, casamento e coabitação. Além disso, pode se expressar nos âmbitos físico, psicológico e sexual (Capaldi et al, 2012). Ainda que os estudos sobre essa forma de violência se direcionem majoritariamente aos casais heterossexuais, diversos estudos mostram que há forte prevalência do fenômeno também em casais do mesmo sexo (Otero, Castro, Fernández & Fernández, 2016). Entre homens, essa forma de violência assume um caráter mais silencioso devido à norma social que engessa os sujeitos masculinos como mais corajosos e mais capazes de suportar a dor e o sofrimento do que os sujeitos femininos (Silva, 2006).

É importante salientar que a VRI entre homens, assim como as demais formas de violência, não ocorre num vácuo social, sendo antes permeada de mitos que legitimam ou incentivam sua perpetração. Alguns desses mitos são: 1) a violência só existe em casais heterossexuais; 2) a violência entre parceiros do mesmo sexo é menos grave; 3) é uma violência mútua, ou seja, simplesmente “ambos brigam o tempo todo”; 4) é explicada pela constituição física ou força, ou seja, um homem gay que sofre violência tende a ser menor/ mais efeminado, e uma lésbica abusiva tende a ser masculina; 5) mulheres são incapazes de exercer violência; 6) homens gays têm mais facilidade para se proteger; 7) abuso sexual não acontece: uma mulher não pode estuprar outra; 8) parceiros do mesmo sexo têm mais facilidade de sair de um relacionamento abusivo, pois não são casados ou têm filhos; 9) parceiros do mesmo sexo são ruins em igual proporção e ambos são ao mesmo tempo vítima e agressor (Galop, s/d.; TNLR, 2010). Esses mitos, por estarem presentes no pensamento social, podem se expressar nas políticas de atenção à população LGBT.

Portanto, apesar dos impactos negativos que a VRI exerce na saúde física e mental dos homens, existe ainda grande dificuldade na busca por ajuda devido diversos fatores, tais como a ausência de campanhas informativas, de modelos adequados de relações entre homens e silêncio da própria comunidade LGBT em relação ao tema (Silva, 2007).

Heterossexismo internalizado

Define-se por heteronormatividade o sistema de pensamento que naturaliza a percepção de apenas dois gêneros distintos e complementares, com papéis definidos. Assim, a heteronormatividade causa o desconhecimento, a marginalização ou mesmo a punição severa de outras formas de se vivenciar a orientação sexual, a expressão de gênero e a identidade de gênero (Harris & White, 2018).

Com a heteronormatividade, nasce um fenômeno psicológico alarmante entre as populações LGBT, que é o heterossexismo internalizado. Este pode ser descrito como uma introjeção dos estereótipos e afetos negativos socialmente atribuídos ao grupo (Szymanski, Kashubeck-West & Meyer, 2008). Mudanças sociais impulsionadas pelos movimentos sociais das minorias, tais como a aprovação, no Brasil, do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo (Conselho Nacional de Justiça, 2013) oferecem à população LGBT maior visibilidade, o que também expõe esse grupo a diversas críticas. Diante das críticas e da possível não-aceitação, alguns membros do grupo minoritário desenvolvem uma rejeição pelas conquistas dos seus pares, por julgar não ser aquele o lugar das pessoas LGBT na sociedade (Szymanski, Kashubeck-West & Meyer, 2008).

A literatura aponta diversas consequências do heterossexismo internalizado. Segundo Kay e Jeffries

o heterossexismo pode causar tensão em relacionamentos íntimos de homens com outros homens, adicionando uma pressão a mais com a qual casais heterossexuais não precisam lidar. Por exemplo, muitos homens se envolvem em relacionamentos do mesmo sexo levando consigo uma bagagem emocional enorme que inclui os problemas que eles enfrentaram ao crescer como gays, se assumir e lidar com sua homossexualidade diante de um mundo homofóbico. Para alguns homens, a homofobia social algumas vezes é internalizada na forma de medo ou ódio pelos seus próprios desejos homossexuais (Kay & Jeffries, 2010, p. 413).

Em panfleto informativo às populações LGBT e aos agentes sociais que trabalham com o público, a instituição britânica Galop alertou para formas de abuso dentro do relacionamento que se valem de uma norma vigente heterossexista, tais como dizer à vítima que ela não vai encontrar apoio no sistema jurídico devido à sociedade intolerante ou dizer à vítima que um relacionamento homossexual sempre envolve conflitos (Galop, s/d).

Cabem duas observações sobre o conceito de heterossexismo internalizado que aqui apresentamos. A primeira é que alguns autores consideram problemático dar visibilidade ao tema, sob o risco de revitimizar os indivíduos situando neles mesmos as razões para seu sofrimento frente ao heterossexismo (Nunan, 2007). Sobre essa crítica, Nunan, Jablonski e Féres-Carneiro (2010) sustentam que internalizar o heterossexismo repercute em diversas esferas da vida de uma pessoa e dessa forma, é importante que se levem em consideração esses desdobramentos. Isso não implica em isolar nos próprios indivíduos as causas para o sofrimento, mas em buscar entender um fenômeno que frequentemente acompanha os grupos minoritários, que é a absorção das normas do grupo majoritário (Nunes, Jablonski & Féres-Carneiro, 2010). Szymanski, Kashubeck-West e Meyer (2008) lembram, ainda, que o termo deve ser utilizado com cautela porque em sua concepção dá a ideia de um processo individual.

Quando empregado sem o devido pano de fundo social, pode ser entendido como uma psicologização do que é antes de tudo um fenômeno societal.

A segunda observação diz respeito ao emprego das expressões “homofobia” e “heterossexismo” no meio científico. O primeiro, amplamente utilizado em diversas pesquisas, vem sendo abandonado por não contemplar adequadamente as dimensões do preconceito internalizado. O último possibilita uma compreensão mais estrutural do fenômeno e se aproxima do conceito de heteronormatividade (Chambers, 2007; Costa & Nardi, 2015).

Com base no exposto, este estudo teve como objetivo associar a violência entre homens em relação íntima com o heterossexismo internalizado.

2.2 Método

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo quantitativo, correlacional, de corte transversal (Gil, 2008). Na tipologia proposta por Pereira, Sindic e Camino (2013) este estudo se classifica como não-experimental do tipo 3, visto que pressupõe uma posição determinada entre as variáveis: uma pode estar associada à outra. Desta forma, partimos da hipótese de que o heterossexismo internalizado é uma variável preditora (VP) da violência entre casais de homens, que é a variável critério (VC).

Participantes

De acordo com dados do IBGE (2018), a parcela homossexual da população brasileira está estimada em cerca de 17,9 milhões de pessoas. A pesquisa Estatísticas do Registro Civil divulgada também pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que houve um aumento de 10% no número de registros de união entre pessoas do mesmo sexo no país entre 2016 e 2017. Com base nestes números e nos instrumentos a serem utilizados, estimou-se uma amostra não-probabilística de 150 participantes, a serem contatados via redes sociais, resguardando o direito ao sigilo da imagem.

No entanto, após um ano de questionário online e diferentes e exaustivas formas de divulgação, o estudo precisou ser encerrado com 30 participantes. Supõe-se mais uma vez o silêncio que envolve a temática associada ao homem que se relaciona com outro homem e que vive um contexto de violência (Guzmán, 2015).

Dito isso, a amostra do estudo se constitui por trinta homens com idade variando de 20 a 50 anos ($M=27,25$, $DP=7,5$). A maioria se afirmou homossexual (76%); 05 bissexuais e 01 pansexual. 53% dos participantes afirmaram que seu relacionamento mais longo com outro homem durou menos de 2 anos, enquanto 47% tiveram relacionamentos acima de 2 anos.

Em relação à religião, 14 participantes declararam não possuir, enquanto 6 (24%) se declararam católicos, 3 se declararam evangélicos e 07 outras denominações. Quanto à religiosidade, os participantes apresentaram média de 2,47 ($DP=1,28$) escala em que 0 = nada religioso e 5 = extremamente religioso.

47% dos participantes declararam que vivem exclusivamente com renda própria e 33% declararam que recebem suporte financeiro dos pais.

Instrumentos

Utilizamos os seguintes instrumentos:

- Revised Conflict Tactics Scale (Escala Revisada de Táticas de Conflito) (CTS2), adaptada em português por Moraes, Hasselman e Reichenheim (2002). O instrumento original foi desenvolvido por Strauss para investigar a violência doméstica entre casais e é formado por 39 duplas de itens com versões “a” e “b”, totalizando 78 itens (Strauss, 1996). A CTS2 mede as seguintes táticas de resolução de conflitos: Negociação, Agressão Física sem Sequelas, Agressão Física com Sequelas, Agressão Psicológica e Coerção Sexual. Exemplo de dupla de item: a) “Você insultou ou xingou o seu companheiro(a)?”, b) “Seu companheiro fez isso com você?”. Assim, o instrumento permite identificar, a um só tempo, autores e vítimas de violência doméstica em relacionamentos amorosos. O autor sugere diferentes estratégias para obtenção das respostas, que vão de resposta dicotômica (sim/não) a indicadores numéricos de frequência com que a situação ocorreu (ex: nunca; raramente; frequentemente; sempre). Para este trabalho, optamos por utilizar exclusivamente a “versão b” dos itens, que se refere à vitimização por um parceiro. O nível de respostas utilizado foi dicotômico.

- Escala de Homofobia Internalizada. Desenvolvida por Ross e Rosser (1996) e traduzida para o português por Pereira e Leal (2005). O estudo original apontou a existência de 4 dimensões intituladas: “Identificação Pública como Gay”, “Percepção de Estigma associado com ser Gay”, “Conforto Social com Homens Gays” e “Aceitabilidade Moral e Religiosa de Ser Gay”, totalizando 26 itens do tipo Likert nos quais o participante indica o quanto se identifica com cada uma das afirmações apresentadas. Exemplo de item: “a homossexualidade é tão natural quanto a bissexualidade”.

- Questionário sociodemográfico: constam dessa seção itens como idade, orientação sexual, religião e religiosidade numa escala de cinco pontos que variou entre “Nada religioso” e “Extremamente religioso”.

Procedimentos de coleta e análise de dados

O estudo foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e a coleta teve início após emissão de parecer positivo.

Os questionários foram aplicados por meio de formulário online divulgado nas redes sociais. Dados recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios contínua (PNAD contínua) apontam que aproximadamente 64,7% dos brasileiros com idade superior a 10 anos tiveram acesso à internet no quarto trimestre de 2016, tanto em área urbana quanto rural (IBGE, 2016). Assim, consideraram-se dois aspectos importantes para a busca dos participantes na internet: a alta representatividade do ambiente e a especificidade da amostra, que impõe desafios à coleta presencial. De acordo com a resolução CNS 466/2012, a pesquisa oferece riscos mínimos a moderados à saúde dos indivíduos participantes, visto que pode evocar sentimentos negativos relacionados à lembrança da violência sofrida (Brasil, 2012).

Os dados coletados foram analisados através do pacote estatístico SPSS, versão 18. A análise de dados envolveu: 1) estatísticas descritivas para as amostras: medidas de tendência central (média, mediana e moda) e dispersão (amplitude, variância e desvio-padrão); 2) análises de correlação que investigaram se o heterossexismo internalizado esta associado à violência em relações íntimas. Além do mais, outras variáveis foram relacionadas à violência e ao heterossexismo internalizado, tais como idade, tempo de relacionamento e religiosidade do participante.

2.3 Resultados

Realizamos testes de normalidade para verificar a viabilidade da aplicação de testes paramétricos (Dancey & Reidy, 2013). Os valores encontrados de assimetria e curtose (0,7 e 1,2) apontam que os dados não estão distribuídos normalmente, inviabilizando a realização de testes paramétricos, provavelmente devido ao tamanho amostral. Assim, procedemos à análise por meio de estatísticas descritivas e testes inferenciais não-paramétricos.

O estudo não encontrou efeitos significativos na correlação entre as escalas CTS2 e HI. Por conseguinte, a partir dessa amostra não é possível inferir relacionamento entre os construtos Tática de Resolução de Conflitos e Homofobia Internalizada. Utilizamos testes estatísticos bivariados para investigar interações entre as subescalas escalas e as variáveis sociodemográficas. As principais associações encontradas serão discutidas a partir das dimensões teóricas das escalas CTS2 e HI, ilustradas na fig. 3.



Figura 3. Dimensões das escalas HI e CTS2.

Táticas de Resolução de Conflitos: prevalência

Os escores obtidos pelos participantes nas subescalas do CTS2 foram somados para fornecer informações sobre a prevalência das diferentes táticas. Os resultados estão na Tab. 2.

Tabela 2 – Estatísticas descritivas das variáveis de teste			
Variável	Média	Mediana	Desvio-Padrão
Negociação	18,73	17,75	6,02
Agressão Psicológica	12,44	11,13	5,87
Agressão Física	12	11,09	2,74
Coerção Sexual	8,5	7,15	3,35
Identificação Pública	32,74	34,5	8,93
Percepção de Estigma	20,91	21,84	3,38
Conforto com Gays	17,32	17,34	2,84
Aceitabilidade Moral	12,6	12,75	3,23
Idade	27,53	26	6,86
Religiosidade	2,47	2	1,28
Tempo de relacionamento	4,13	4	0,98

Tabela 2. Estatísticas descritivas das variáveis de teste.

Conforme podemos observar, a tática de resolução de conflitos de maior prevalência é a Negociação (M=18,73, DP=6,02), seguida da Agressão Psicológica (M=12,44, DP=5,87).

De acordo com Bolze et al. (2013), casais que possuem a negociação como tática mais frequente também relatam maiores níveis de satisfação conjugal, visto que tendem a solucionar os problemas a partir do diálogo. Esses casais também afirmam sentir que o(a) parceiro(a) tem empatia para consigo.

Além disso, os participantes do estudo demonstraram facilidade em se identificar publicamente sua orientação sexual (M=32,74, DP=8,93).

Em relação ao construto Identificação Pública como Gay, Juster et. al. (2013) demonstram que os indivíduos LGBT que tornam pública sua orientação sexual ou identidade de gênero apresentam níveis mais baixos de estresse e maior autoaceitação. Em contrapartida, indivíduos que estão “dentro do armário” apresentam altos níveis de estresse e um conceito baixo sobre si.

Entretanto, longe de ser uma solução simples, a exposição da sexualidade também pode ser um evento estressor que implica se submeter ao julgamento social e à constante vigilância dos comportamentos, como nos lembram Bordieu (2012) e Connel (2013).

Cabe observar também a proximidade alarmante entre as médias de agressão física e psicológica e coerção sexual. Possivelmente essa proximidade se deve a esse ser um estudo de prevalência, que se limitou a questionar se os indivíduos já tinham vivenciado determinada forma. Considerando que a média de idade dos participantes foi de 27,5 anos, podemos inferir que a maioria já vivenciou pelo menos uma situação de violência na vida.

Um aspecto que se destaca nessa amostra é a média alta de tempo de relacionamento apresentada pelos participantes, que contraria o estereótipo de volatilidade frequentemente associado aos homens em relações com outros homens. De fato, um dado semelhante é encontrado em Edwards (2016), porém com uma amostra maior, tendo assim maior poder de generalização.

Heterossexismo Internalizado

Quanto mais os homens consideram moralmente aceitável ter comportamentos homossexuais, menor a percepção de que os gays são um grupo estigmatizado na sociedade ($\rho=0.38$, $p<0,05$) e mais expressiva é a identificação pública como Gay ($\rho=0.64$, $p<0,01$).

Além disso, quanto mais velhos os participantes, maior o Conforto Social com Homens Gays ($\rho=0.39$, $p<0,05$).

Tabela 3 – HI x Idade					
	Identificação Pública	Percepção de estigma	Conforto com Gays	Aceitabilidade Moral	Idade
Identificação Pública	1	-,180	,282	,636**	,253
Percepção de Estigma			,175	-,378*	-,112
Conforto com Gays				-,005	,387*
Aceitabilidade Moral					,153
Idade					1

* $p<0,05$ ** $p<0,01$

Tabela 3. Correlações entre as dimensões da HI e a variável idade.

Táticas de conflito

Quanto maior o tempo de relacionamento com outro homem, maior o emprego de táticas de Negociação para solucionar conflitos dentro do casal ($\rho=0,37$, $p<0,05$). Esse dado pode indicar que os indivíduos vão se ajustando e definindo melhor as regras e limites da relação à medida que conhecem melhor o parceiro, ou permanecem no relacionamento por mais tempo justamente porque a interação de maneira geral é harmoniosa.

Tabela 4 – CTS2 x Variáveis sociodemográficas						
	Negoc.	Ag. Psic.	Ag. Fís.	C. Sex.	T. relac.	Relig.
Negociação	1	-,075	-,041	,180	,374*	,271
Agressão Psicológica			,467*	,593*	,187	-,033
Agressão Física				,332	-,005	,026
Coerção Sexual					,000	-,075
Tempo relacionamento						,465*
Religiosidade						1

* $p<0,05$ ** $p<0,01$

Tabela 4. Correlações entre as dimensões da CTS2 e as variáveis sociodemográficas.

A dimensão Agressão Psicológica também apareceu associada positivamente com Agressão Física ($\rho=0.47$, $p<0,05$) e Coerção Sexual ($\rho=0.6$, $p<0,05$).

Costa, Machado e Antunes (2011) verificam num estudo de prevalência que um episódio de violência tende a ser acompanhado de outros, sendo raros os casos em que ocorre um episódio isolado. Por exemplo, um ato de violência psicológica pode ser seguido de um ato de violência física. Na perspectiva dos autores, essa tendência de associação de diversas formas de violência aponta para um processo cíclico, de maneira análoga às fases da violência contra a mulher. Neste ciclo, alternam-se uma fase de tensão ou acumulação dos problemas do casal, um episódio agudo de violência, um momento de arrependimento do perpetrador e depois, uma nova fase de tensão (Luz & Gonçalves, 2014).

O tempo de relacionamento mais longo dos participantes se associou de forma positiva com o nível de religiosidade relatado ($\rho=0.47$, $p<0,05$). Considerando-se que um quarto dos homens se declararam religiosos, esse dado suscita algumas reflexões.

Alguns homens que desafiam a heteronormatividade praticam alguma vertente do cristianismo. O dilema entre o que seria, na ótica cristã, uma “vida de pecado” e uma “vida de salvação” se traduz na experiência desses homens no dilema material “ter ou não ter” comportamentos homo-direcionados (Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017). Como a associação não estabelece direção do relacionamento, podemos pensar que a religião pode contribuir para o bem-estar e a autoestima dos indivíduos, facilitando as interações sociais e por conseguinte as relações amorosas (Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017). Mas podemos também questionar se a religião é utilizada pelos indivíduos como um mecanismo para atenuar a dissonância entre o desejo que se sente e o que a sociedade espera do comportamento masculino (Santos, 2014).

2.4 Considerações Finais

O presente estudo demonstrou que, mesmo em uma amostra pequena de homens, é possível encontrar índices elevados de diversas formas de violência.

Após a refutação da hipótese de pesquisa, foi necessário refazer o objetivo (antes um modelo explicativo), bem como adequar os testes estatísticos a uma amostra pequena. Longe de ser um problema, consideramos este acontecimento mais uma resposta de pesquisa que denuncia o silenciamento ao redor da VRI (Guzmán, 2015). Além disso, defendemos que a pesquisa empírica em Psicologia Social precisa superar a lógica da confirmação das hipóteses e um dos passos para essa superação é a divulgação de resultados mais honestos (Neuroskeptic, 2012; Wagenmakers et al., 2012).

Além do tamanho amostral reduzido, apontamos mais uma limitação, que é dificuldade em encontrar instrumentos psicométricos validados para o contexto brasileiro para medir o construto heterossexismo internalizado. Conforme observamos, existem diferenças significativas entre o emprego do termo “homofobia” e do mais abrangente “heterossexismo” e, dessa forma, há a necessidade de adequação das medidas.

Ressaltamos, também, a importância de estudos de prevalência nesse sentido serem realizados tanto pela comunidade científica quanto pelos órgãos de pesquisa governamentais. A replicação dos estudos e comparação dos resultados pode oferecer, em longo prazo, panoramas mais detalhados sobre a evolução ou diminuição da violência.

2.5 Referências

Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., Schmidt, B., & V, M. L. (2013). Relacionamento Conjugal e Táticas de Resolução de Conflito entre Casais. *Actualidades en psicología*, 27(114), 71-85.

- Bordieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil
- Butler, J. P. (1999). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. (2ª edição). New York: Routledge.
- Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. New York: Routledge.
- Capaldi, D. M., Knoble, N. B., Shortt, J. W. & Kim, H. K. (2012). A Systematic Review of Risk Factors for Intimate Partner Violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231-280.
- Chambers, S. A. (2007). 'An Incalculable Effect': Subversions of Heteronormativity. *Political Studies*, 55, 656-679.
- Connel, R. & Messerschmidt, J. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 21(1), 241-282.
- Conselho Nacional de Justiça. (2013). Resolução nº 175. Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo. Recuperado de:
http://www.cnj.jus.br/images/resol_gp_175_2013.pdf
- Costa, L. G., Machado, C., & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica*, 1, 1-26.
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3), 715-726.
- Edwards, W. J. (2016). Measuring Relationship Satisfaction: Is it Possible for Black Gay Male Couples to be Satisfied in a Relationship? *Deviant Behavior*, 37(8), 931-951.
- Galop. (s/d.). Myths and stereotypes about violence and abuse in same-sex relationships. [Factsheet]. Recuperado de: <<http://www.galop.org.uk/wp-content/uploads/For-Service-Providers-Myths.pdf>>

Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.

Guzmán, M. O. (2015). Violencia en el noviazgo de parejas del mismo género. Un problema no explorado. In: Reyes, M. E. M. & Guzmán, M. O. *Psicología de la Violencia: Causas, Prevención y Afrontamiento* (Tomo II, 2ª Ed.). Mexico, D. F.: Editorial El Manual Moderno, 49-61.

Harris J, White V (2018). A Dictionary of Social Work and Social Care. Oxford University Press. p. 335. Recuperado de: <https://books.google.com.br/books?id=M3FGDwAAQBAJ&pg=PT335&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false>

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). (2018). Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recuperado de: <<https://ww2.ibge.gov.br/home/>>

Santos, J. C. (2014). Homossexualidade e Religião: Sentimentos e representações sociais. *Revista Científica Faesa*, 10(1), 27-33.

Kay, M. & Jeffries, S. (2010). Homophobia, Heteronormativism and Hegemonic Masculinity: Male Same-Sex Intimate Violence from the Perspective of Brisbane Service Providers. *Psychiatry, Psychology and Law*, 17(3), 412-423.

Katz, J. N. (1996). *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Luz, R. R. & Gonçalves, H. S. (2014). Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível. *Bagoas*, 11, 79-99.

Moraes, C.L., Hasselmann, M. H. & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 18(1):163-176.

- Neuroskeptic . (2012). The nine circles of scientific hell. *Perspectives on Psychological Science*, 7, 643–644.
- Nunan, A. (2007). Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado. [Tese de Doutorado]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC).
- Nunan, A., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2010). O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação Psicol.*, 14(2), 255-262.
- Otero, L. M. R., Castro, Y. R., Fernández, M. R. & y Fernández, M. V. C. (2017). Violencia en parejas Gays, Lesbianas y Bisexuales: una revisión sistemática 2002-2012. *Comunitania: Revista Internacional de Trabajo Social y Ciencias Sociales*, 13, 49-71.
- Pereira, H. & Leal, I. P. (2005). Medindo a homofobia internalizada: a validação de um instrumento. *Análise Psicológica*, 3 (XXIII), 323-328.
- Pereira, C. R., Sindic, D., & Camino, L. (2013). Metodologia da pesquisa em psicologia social. In L. Camino, A. R. Torres, M. E. Lima, & M. E. Pereira (Eds.). *Psicologia social: temas e teorias*, 109-186. Brasília: Technopolitik.
- Ribeiro, L. M. & Scorsolini-Comin, F. (2017). Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & Sociedade*, 29, e162267. <http://dx.doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29162267>.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, 15(2), 71-99.
- Silva, S. G. (2006). A crise da Masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26(1), 118-131.
- Szymanski, D. M.; Kashubeck-West, S. & Meyer, J. (2008). Internalized Heterosexism: a historical and theoretical overview. *The Counseling Psychologist*, 36 (4), 510-524.

Szymanski, D. M.; Kashubeck-West, S. & Meyer, J. (2008). Internalized Heterosexism: measurement, psychosocial correlates, and research directions. *The Counseling Psychologist*, 36 (4), 525-574.

Wagenmakers, E.-J., Wetzels, R., Borsboom, D., J., H. L., & Kievit, R. A. (2012). An Agenda for Purely Confirmatory Research. *Perspectives on Psychological Science*, 7(6), 632–638. <https://doi.org/10.1177/1745691612463078>

CAPÍTULO III - Vivências em relacionamentos entre homens: um olhar sobre as Vulnerabilidades

Resumo

Os estudos sobre violência em relacionamentos se referem, em sua maioria, à violência perpetrada por um homem e sofrida por uma mulher dentro de uma relação conjugal. No entanto, vários estudos nacionais e internacionais têm observado que a violência entre casais do mesmo sexo é quase tão frequente quanto em casais heterossexuais, apesar da subnotificação. Nesse sentido, este estudo tem por objetivo conhecer as vivências de homens vítimas de violência em relação íntima com outro homem. Entrevistaram-se sete homens pela técnica de bola de neve, com o uso de três participantes-matrizes contatados por conveniência. Utilizou-se um modelo de entrevista semiestruturada com itens direcionados às experiências em relacionamentos com homens, com ênfase em possíveis episódios de violência vividos. Os conteúdos das entrevistas foram gravados, transcritos e submetidos à análise categorial temática. O *corpus* foi segmentado em 930 unidades de contexto, das quais 880 (88,7%) foram codificadas em categorias temáticas de relevância para a análise e discussão e 39 (4,2%) foram codificadas como residuais. Emergiram da análise 5 Categorias temáticas e 17 subcategorias, além de uma categoria residual. As Categorias principais foram intituladas: Vulnerabilidades e Violências (F=238, 25,6% total), Apoio Social (F=206, 22,2% total), Desdobramentos das Experiências (F=192, 20,6% total), Construção da Identidade (F=184, 19,8% total) e Negociação/Parceria (F =71, 7,6% total). Discutiram-se os resultados à luz da teoria das Vulnerabilidades de Ayres. A análise mostra que os episódios de violência são frequentemente evocados e associados a aspectos de vulnerabilidade dos participantes. Além do mais, o apoio social e a aceitação da família se mostraram importantes para o enfrentamento das adversidades tanto na vivência de uma identidade LGBT, quanto na experiência de situações de abuso e violência. Essas reflexões nos levaram a verificar que as vivências de homens em relações íntimas se encontram atravessadas, no nível pessoal, por silenciamento e racionalização e, num nível social, pela negligência e dificuldade em buscar apoio institucional, sob pena de revitimização e discriminação.

Palavras-Chave: Violência entre Casais de Homens; Vulnerabilidades; Experiências.

Abstract

Studies on relationship violence refer, mostly, to violence perpetrated by a man and suffered by a woman in a marital relationship. However, several national and international studies have found that same-sex violence is almost as frequent as in heterosexual couples despite underreporting. In this sense, this study aims to know the experiences of men victims of violence in intimate relationship with another man. Seven men were interviewed by the snowball sampling technique, contacted through three matrix-participants. We used a structured interview model whose items approached experiences in relationships with men, with emphasis on possible episodes of violence experienced. Contents of the interviews were recorded, transcribed and submitted to Thematic Categorical Analysis. The corpus was segmented into 930 contextual units, of which 880 (88.7%) were coded into thematic categories of relevance for analysis and discussion, and 39 (4.2%) were coded as residuals. Emerging from analysis 5 Thematic categories and 17 subcategories, plus a residual category.

The main categories were: Vulnerabilities and Violence (F = 238, 25.6% total), Social Support (F = 206, 22.2% total), Consequences from the Experiences (F = 192, 20.6% total), Identity Construction (F = 184, 19.8% total) and Negotiation/Partnership (F = 71, 7.6% total). The results were discussed in light of Ayres' Vulnerability Theory. The analysis shows that episodes of violence are often evoked and associated with aspects of vulnerability of participants. Moreover, social support and family acceptance have proved important for coping with adversity both in living an LGBT identity and in experiencing situations of abuse and violence. These reflections have led us to verify that the experiences of men in intimate relationships are crossed, at the personal level, by silencing and rationalization and, at a social level, by neglect and difficulty in seeking institutional support, under penalty of revictimization and discrimination.

3.1 Introdução

Entende-se por Violência nas Relações de Intimidade (VRI) o uso de força, coerção ou intimidação que tem por objetivo ferir a integridade de um parceiro dentro de um relacionamento afetivo-sexual (Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género, 2009). No âmbito das políticas públicas, a VRI se relaciona com diversos campos, tais como saúde, educação e segurança. Porém, destacam-se as políticas de saúde e assistência social como campos centrais de atuação nesse tipo de violência. Para Sposati (2011), as questões de gênero são tendências latino-americanas do século XXI no tocante a políticas sociais. Apesar de as últimas décadas terem representado inegáveis avanços na forma como o Estado brasileiro responde à questão social, diversos grupos foram muitas vezes marginalizados frente às medidas de combate à violência.

Os homens gays e bissexuais se inserem entre os diversos grupos minoritários existentes no Brasil, cuja marginalização evidencia a vulnerabilidade desse grupo (Rinco, 2016). Em 2011, o Ministério da Saúde instituiu a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais através da Portaria MS/GM nº 2.836. Trata-se de um conjunto de metas voltadas a reduzir o quadro de vulnerabilidade da população LGBT, atendendo suas especificidades na saúde pública (Brasil, 2013).

A Lei nº 11.340, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, introduz dispositivos para oferecer proteção integral às mulheres vítimas de violência doméstica, mas também pode ser utilizada para conflitos entre casais homossexuais. O parágrafo único do artigo sexto determina que “As relações pessoais enunciadas neste artigo independem de orientação sexual” (Brasil, 2006). A partir desse entendimento, assume-se, portanto, que toda a assistência devida pode e deve ser oferecida também ao homem que for vítima de violência pelo parceiro.

Para além das políticas estatais, a sociedade civil vem, há algumas décadas, também desenvolvendo estratégias para enfrentar o problema da violência sofrida por populações LGBT. Ainda que incentive a participação da sociedade nos problemas sociais, a atuação do chamado “terceiro setor” é alvo de controvérsias. Como nos informa Costa (2005), o terceiro setor passou a atuar de forma mais intensa no cenário de incertezas e transformações das últimas décadas. Entre essas transformações, destaca-se a transição para um estado cada vez mais fundamentado no liberalismo econômico e cada vez menos no bem-estar social. Dessa forma, as instituições da sociedade civil podem ser percebidas como complementares às políticas estatais ou como possíveis substituições do Estado, isentando-o de atender à questão social (Costa, 2005).

Em que pese o debate entre o primeiro e o terceiro setores, em termos de apoio à população LGBT em situação de violência coexistem no Brasil instituições ligadas ao Estado e à sociedade civil. Na assistência social, existem os Centros de Referência e Centros de Cidadania LGBT, bem como as ações pontuais do programa Brasil Sem Homofobia. Na sociedade civil, alguns grupos nacionalmente reconhecidos são o GGB (Grupo Gay da Bahia), o Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT, a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT), o Grupo Dignidade, o Instituto Papai e o Movimento do Espírito Lilás.

Embora existam órgãos e políticas de apoio, sabe-se que as vítimas ainda enfrentam diversas dificuldades no enfrentamento à violência sofrida. Uma dessas dificuldades é a própria busca pelo atendimento, que se torna difícil para os homens gays e bissexuais em parte devido ao medo de serem discriminados nos serviços, em parte devido às expectativas de gênero internalizadas por eles (Shields & Carroll, 2014). Muitos indivíduos que procuram os serviços e expõem a violência vivida lidam com discriminação e julgamento por parte dos profissionais, sendo dessa forma revitimizados (Luz & Gonçalves, 2014). Dentre os possíveis

fatores que explicam o despreparo dos profissionais de saúde, destaca-se a lacuna na formação acadêmica. Formados por cursos que não contemplam a diversidade sexual e de gênero, muitos profissionais podem ser influenciados por crenças negativas socialmente compartilhadas ao atender pacientes homossexuais (Lacerda, Pereira & Camino, 2002).

Vulnerabilidades

A abordagem das vulnerabilidades de Ayres e colaboradores surgiu a partir de investigações epistemológicas do fenômeno HIV/Aids. Os autores observaram que a exposição ao vírus não se dava de maneira uniforme e vários elementos poderiam contribuir para uma maior probabilidade de contrair o vírus. Talvez a observação mais importante desses autores foi a de que os fatores que aumentam a propensão ao vírus não são exclusivamente individuais. Dessa forma, verificou-se que alguns grupos de pessoas em determinados contextos eram mais suscetíveis ao adoecimento, o que Ayres denominou vulnerabilidade. (Ayres et al., 2006).

Ayres ilustra a vulnerabilidade como um fenômeno tridimensional em que interagem constantemente uma dimensão individual, uma dimensão social e uma dimensão pragmática. A dimensão individual compreende as idiossincrasias, as características particulares que podem ora expor o indivíduo, ora protege-lo do adoecimento. Como exemplos, podemos citar o estilo de vida pessoal, a quantidade de informação que uma pessoa dispõe acerca de uma doença, etc. A dimensão social envolve o contexto em que se insere um indivíduo: acesso à mídia, relações de gênero, participação política, classe social, etc. Por fim, a dimensão programática abrange o funcionamento das ações institucionais e políticas públicas de saúde, segurança, educação etc., tais como a governabilidade, acesso a serviços de saúde e assistência, promoção dos direitos humanos, etc. (Ayres et al., 2006). Contudo, destacamos

que esta divisão ocorre apenas no plano didático e na prática o quadro da vulnerabilidade é formado pelas três dimensões interligadas.

As dimensões sugeridas por Ayres para analisar a vulnerabilidade no campo da saúde parecem estabelecer um paralelo com os níveis teóricos de análise propostos por Willem Doise na investigação das Representações Sociais. Segundo Doise, a realidade social pode ser compreendida do nível mais micro, individual, passando pelo interpessoal, intergrupar e, por fim, societal (Doise, 2002). A semelhança, que não julgamos coincidental, conecta-se ao paradigma vigente de que os fenômenos não podem ser reduzidos nem à dimensão individual nem exclusivamente à dimensão grupal. Buscamos compreender, então, fatores situados nas três dimensões que podem contribuir na explicação da violência entre casais de homens.

A literatura observa, de maneira geral, que a violência entre casais do mesmo sexo se manifesta especialmente na forma de abusos psicológicos, mas também ocorrem agressões físicas e abuso sexual (Luz & Gonçalves, 2014; Shields & Carroll, 2014). Luz e Gonçalves descrevem a presença de um ciclo da violência, de maneira similar aos relacionamentos abusivos heterossexuais. Neste ciclo, a pessoa agredida (episódio agudo de violência) mantém esperanças de que o agressor irá se arrepender dos atos e mudar. Dessa forma, dá uma nova chance ao agressor que, durante um período, se mostra cordial e carinhoso (lua-de-mel), até que em dado momento, pequenos conflitos voltam a existir (tensão). A partir daí cresce a probabilidade de uma nova agressão ocorrer (Ministério da Saúde, 2002).

A VRI entre casais do mesmo sexo também tem especificidades que a diferenciam da VRI entre casais heterossexuais. Dentre elas, ressaltam-se as ameaças de *outing*, isto é, a exposição da sexualidade do parceiro para amigos e familiares que a desconhecem. Essa exposição pode ter diversos desdobramentos associados com o heterossexismo, tais como revelar a sexualidade da pessoa a grandes grupos de convivência como igreja ou empregador, ameaçar o parceiro com a perda das crianças devido à descoberta da sexualidade ou dizer ao

parceiro que este não encontrará apoio no sistema jurídico devido ao preconceito (Vickers, 1996). Este último desdobramento reflete uma das mais graves especificidades da violência doméstica entre pessoas do mesmo sexo: a insuficiência, ou mesmo ausência, de amparo legal direcionado (Caballero, 2013).

Além disso, a população homossexual e bissexual enfrenta em muitos casos insegurança e baixa autoestima, decorrentes do preconceito ainda muito forte (Lacerda, Pereira & Camino, 2002). Com essa insegurança, pode vir o abuso de álcool e outras drogas, um fator que acentua os episódios de violência dirigida a um parceiro. Outro fator de risco é o isolamento social ao qual se sujeitam muitos indivíduos dessa população, quando não assumem sua sexualidade para amigos e familiares e se veem forçados a enfrentar as tensões e conflitos do relacionamento apenas com o parceiro (Key & Jeffries, 2010; Shields & Carroll, 2014).

Outro fator de risco importante diz respeito às vivências dos agressores e vítimas, que muitas vezes têm um histórico de violência doméstica no passado. Esse histórico é muitas vezes associado à sexualidade do indivíduo, pois existe ainda um heterossexismo muito forte dentro das famílias brasileiras. A rejeição dentro da própria família na qual o indivíduo cresce é, então, realidade para muitos e pode ter efeitos significativos sobre sua autoestima e seus modos de se relacionar com os outros (Prata, 2008).

Existem diferenças importantes entre a violência perpetrada por lésbicas e por gays, como ressalta Caballero (2013), visto que os homens sofrem uma pressão social para demonstrar força e virilidade. Com isso, são desencorajados a procurar ajuda e, quando procuram, correm o risco de serem ridicularizados ou encarados com desdém. Portanto, tendem a se isolar ainda mais com seus parceiros e perpetuar a agressão e a vergonha.

Partindo destes pressupostos, esse estudo tem como objetivo conhecer as vivências de homens em relação íntima com outro homem. As perguntas essenciais que desejamos responder são:

- a) Quais os aspectos em comum nas vivências de homens em relacionamento com outros homens?
- b) existe VRI nessas narrativas?
- c) existindo VRI, como ela se manifesta?

3.2 Método

Tipo de estudo

Trata-se de um estudo exploratório, de caráter qualitativo (Gil, 2008).

Participantes

Foram entrevistados 7 homens que se identificaram como gays, com idades variando entre 27 e 40 anos ($M = 32,7$, $DP = 4,7$). Destes, 3 se declararam sem religião (42,8%), 2 se declararam espíritas (28,6%), 1 se declarou católico (14,3%) e 1 se declarou ateu (14,3%). A média de religiosidade/espiritualidade dos participantes numa escala de zero a cinco foi de 2,3, com desvio-padrão de 1,7. Os participantes tiveram entre um e cinco relacionamentos íntimos com outro homem ($M = 3$, $DP = 1,5$). A Tabela 5 oferece uma descrição mais detalhada. Salientamos que as identidades dos participantes foram protegidas por meio de pseudônimos, que foram escolhidos por eles mesmos.

Tabela 5 – Caracterização dos participantes

Pseudônimo	Idade	Orientação	Religião	Religiosidade	Número de relacionamentos	Morou junto?
Pedro	27	Homossexual	Não possui	0	1	Não
Tomás	40	Homossexual	Não possui	4	4	Não
Marcos	34	Homossexual	Não possui	3	5	Não
Bruno	31	Homossexual	Católico	4	3	Não
Apolo	32	Homossexual	Espírita	3	3	Não
Fê	28	Homossexual	Espírita	2	1	Não
Galego	37	Homossexual	Ateu	0	4	Sim

Tabela 5. Caracterização dos participantes.

O critério de inclusão no estudo foi já ter tido no mínimo uma experiência de relacionamento íntimo com outro homem. Por se tratar de um estudo acerca de experiências íntimas e difíceis de acessar, a aproximação dos participantes se deu pela técnica bola de neve. Essa é uma técnica de amostragem não-probabilística que consiste em solicitar a cada participante do estudo que indique os próximos a participarem (Vinuto, 2014). Neste estudo, contamos com três participantes-matrizes contatados por conveniência, e estes foram indicando outros participantes. O fechamento amostral foi definido de acordo com o critério de saturação apresentado em Fontanella, Ricas e Turato (2008). Esse critério consiste em observar as repetições nas categorias discursivas emergentes e um número grande de repetições sugere que as principais dimensões do fenômeno foram capturadas de maneira satisfatória em determinada população-alvo.

Instrumentos

Para o presente estudo, foram utilizados:

- Roteiro de entrevista semiestruturada constituído por itens extraídos e adaptados de Ortega-Montenegro (2016). As questões versaram em torno de experiências em relacionamentos com homens, com ênfase em possíveis episódios de violência.
- Smartphone com gravador.

Procedimentos de coleta e análise de dados

Após a obtenção do consentimento em participar da pesquisa, os participantes foram entrevistados individualmente em locais previamente agendados. Inicialmente, contou-se com a participação voluntária de 8 homens, mas um participante foi retirado da amostra por não ter tido relações duradouras de intimidade com homens. As entrevistas foram gravadas mediante autorização e posteriormente, transcritas. Um arquivo único de texto contendo a transcrição das entrevistas constituiu então o *corpus* textual que foi submetido à análise de conteúdo temática sistematizada por Bardin (2011). A análise foi marcada por três etapas: I) leitura flutuante do conteúdo das entrevistas; II) organização e codificação do corpus e III) análises de frequência e interpretação dos resultados.

Buscou-se, com essa análise, verificar os temas mais emergentes nas narrativas dos entrevistados em termos de frequência e representatividade em relação ao *corpus*. O tratamento dos dados foi realizado com a ajuda do software MAXQDA Standard 2018.

3.3 Resultados

O corpus foi segmentado em 930 unidades de contexto, das quais 880 (88,7%) foram codificadas em categorias temáticas de relevância para a análise e discussão e 39 (4,2%)

foram codificadas como residuais. Assim, esse estudo atende ao critério de exaustividade exigido para análise de conteúdo, segundo o qual a análise deve abranger todo, ou o máximo possível, o material coletado (Bardin, 2011). Cabe frisar que em análises de conteúdo, segmentos de texto que não se enquadram em nenhuma das categorias usualmente são agrupados em uma categoria especial intitulada “outros”. Contudo, pressupõe-se que essa categoria seja residual e que o número de segmentos não supere o das categorias relevantes (Carlomagno & Rocha, 2016).

Organizou-se o corpus em 5 Categorias temáticas e 17 subcategorias, além de uma categoria residual. Na Tabela 6, apresentam-se as categorias encontradas e suas frequências.

Categoria I: Vulnerabilidades e Violências

Esta categoria é a maior dentre as encontradas (F=238, 25,6%) e abrange as subcategorias *Violência Psicológica* (F=139, 61,78%), *Insegurança/dependência* (F=44, 19,56%), *Desigualdades e privilégios* (F=23, 10,22%), *Violência física* (F=11, 4,89%) e *Violência sexual* (F=8, 3,56%).

A subcategoria *Violência Psicológica* é a que mais aparece na categoria (F=139, 61,78%). Episódios de violência psicológica relatados pelos entrevistados incluíram traição, manipulação emocional, humilhação, constrangimento público e exploração financeira. O participante Bruno afirma:

Por exemplo, eu era bolsista nessa época, de iniciação. A bolsa era, não sei quanto era, mas eu praticamente colocava aquela bolsa todinha na mão do meu ex-namorado para pagar dívida cartão de crédito, que era... que ele fazia com as contas que ele comprava, objetos que ele comprava.

Tabela 6 – Categorias e subcategorias de análise			
Categorias	Subcategorias	F	% na categoria
I. Vulnerabilidades e Violências F=238 (25,6% total)	1. Violência Psicológica	139	61,78
	2. Insegurança/dependência	44	19,56
	3. Desigualdades e privilégios	23	10,22
	4. Violência física	11	4,89
	5. Violência sexual	8	3,56
II. Apoio Social F=206 (22,2% total)	1. Amigos e rede de apoio	68	32,85
	2. Vivência LGBT e identidade social	53	25,60
	3. Exposição da sexualidade	47	22,71
	4. Contexto familiar	39	18,84
III. Desdobramentos das Experiências F=192 (20,6% total)	1. Representações sobre parceiros	84	43,75
	2. Impacto dos conflitos	77	40,10
	3. Conscientização e amadurecimento	31	16,15
IV. Construção da Identidade F=184 (19,8% total)	1. Personalidade, valores, hábitos	88	38,10
	2. Experimentação e autodescoberta	63	27,27
	3. Relações casuais e prazer físico	47	20,35
V. Negociação/Parceria F =71 (7,6% total)	1. Cooperação afetiva	49	69,01
	2. Relacionamento tradicional	22	30,99
Outros (Residual) F=39 (4,2% total)			

Tabela 6. Categorias e subcategorias da análise.

Marcos, que foi vítima de traição, relata:

Suruiu toda uma situação porque ele tinha uma outra pessoa antes de mim e eu não sabia. Tava mantendo a relação com os dois. Inclusive essa pessoa vivia com ele, eu conheci, me foi apresentado como primo(...).

Alguns autores verificaram empiricamente que a violência psicológica é a forma de maior prevalência entre casais do mesmo sexo (Costa, Machado & Antunes, 2011; Guzmán, 2015; López, 2014; Santos & Caridade, 2017). Em relato sobre manipulação emocional que sofreu, Fê diz:

Até flores eu comprei pra ele, sabe, rosas. Tudo o que ele pedia eu fazia.

Um dos elementos que torna difícil a detecção dessa violência é a manifestação muitas vezes sutil dos abusos, o que perpetua o sentimento de que não há nada de errado com a relação. Além disso, a fragilização emocional pode inibir reações das vítimas (Silva, 2007). No relato de Apolo, ele conta:

Numa festa a gente foi, do nada esse menino beijou outro menino na minha frente.

Em seguida, aparecem duas subcategorias que denotam elementos de vulnerabilidade, que são Insegurança/Dependência (F=44, 19,56%) e Desigualdades e Privilégios (F=23, 10,22%). A ideia de insegurança foi frequentemente representada por relatos de ciúmes e percepção de ameaças externas à relação. Galego, por exemplo, afirma:

Mas tive briga de relacionamento, sabe, brigas de ciúmes, por exemplo, né? Porque eu não sou ciumento, mas as pessoas com quem eu já estive assim namorando, a maioria, talvez todas foram muito ciumentas.

Em alguns relatos, o sentimento de insegurança vem do participante, como é o caso de Bruno:

Eu não gostava desses amigos. Acho que era a questão realmente de achar que talvez eles também ameaçassem minha relação. Eu era bem, bem neurótico nesse relacionamento.

Um indivíduo não tem apenas uma, mas várias pertencas grupais que definem seus lugares na sociedade (Tajfel & Turner, 1978). Dessa forma, os relacionamentos entre homens podem ser marcados por desigualdades socioculturais e também por diversos níveis de vantagens e privilégios que se refletem na dinâmica da relação. Um relato de Apolo sobre um relacionamento do passado ilustra essa questão:

Um conflito muito grande que a gente tinha era de renda. Ele era uma pessoa assim, financeiramente favorecida não porque ele trabalhasse, mas porque a família dele era muito rica.(...) Aí a gente tinha esse conflito, porque por exemplo, às vezes ele queria ir pra um lugar e eu não tinha dinheiro. Aí ficava naquela “ah, mas você não gosta de mim, você não quer vir, tal”. Às vezes eu aceitava ir, ele pagando, mas eu me sentia humilhado, porque ele fazia questão de me humilhar.

Galego, por outro lado, se encontrou numa posição privilegiada em relação a seu companheiro quanto à educação formal:

Meu ex-marido por exemplo era um cara que não tinha muita formação, instrução intelectual, né? Anos de estudo. Isso, bem ou mal, dá um delay em relação a opção cultural e tal. De você querer às vezes ouvir uma música, você ver um filme, vamos supor, de arte, e o cara não... que é uma coisa mais linear, previsível e tal. Então isso pesa, assim, sempre pesou. Né? Você tentar que não, meio que mascarar isso, pelo sentimento, tal, mas isso pesa.

Esses fragmentos denunciam que diferenças sociais tais como renda e escolaridade atravessam as relações entre homens da mesma forma que atravessam as relações entre homens e mulheres, embora a literatura acerca do tema seja escassa (Luz & Gonçalves, 2014).

Especificamente, as diferenças que colocam ao indivíduo certas desvantagens em relação ao parceiro são fatores de vulnerabilidade e assim podem definir as relações de poder entre dominante e dominado dentro do relacionamento (Luz & Gonçalves, 2014).

As subcategorias *Violência Física* (F=11, 4,89%) e *Violência Sexual* (F=8, 3,56%) compreenderam eventos como espancamento, empurrão, assédio sexual e estupro. Alguns fragmentos são destacados a seguir.

Ele era patológico mesmo. Muito. Até que no final do relacionamento, acabou porque ele me espancou. Foi um espancamento mesmo. Fui todo sangrando pra uma farmácia, todo cheio de dor. (Tomás)

(...) aí ele se virou assim e me empurrou. (...). Me empurrou pra eu cair sentado, assim. Caí sentado num sofá que tavam os amigos dele. (Apolo)

Ele ficava me vendo na rua, ficava forçando, depois que tinha terminado, tentando beijar minha boca, pedindo pra comprar coisas pra ele... depois do término. Isso me constrangia. (Fê)

a gente saiu pra uma festa, eu bebi muito e ele me trouxe pra casa. Aí quando a gente chegou em casa, eu tava bêbado, não tava conseguindo responder por mim e ele mesmo assim quis fazer sexo comigo. Eu bêbado. Então pra mim isso foi uma violência, porque enfim, eu não tinha como dizer que sim nem que não, aí ele se aproveitou da situação, assim. (Apolo)

Apesar de a violência psicológica predominar entre os casais do mesmo sexo, a literatura mostra que a violência física e sexual também são comuns nessa população (López,

2014). O autor afirma, ainda, que a violência pode ter como uma das motivações os sentimentos de inadequação e insegurança frente à própria orientação sexual, um fenômeno denominado heterossexismo internalizado (López, 2014).

Dos participantes que relataram episódios de violência, apenas Tomás citou a busca de amparo legal, porém desistiu de registrar queixa contra o agressor na polícia:

Fiquei com vergonha e não dei queixa. (...) fui na farmácia, tratei os curativos, chamei uns amigos que estavam perto na mesma rua, foram me pegar e pronto. Eles queriam ir pra polícia, meu irmão também queria, eu disse: “não. Ele trabalha com criança, vai que ele perde o emprego e me culpa”.

A literatura mostra que os homens vítimas de violência em relações com outros homens muitas vezes evitam procurar auxílio legal ou de saúde, pois temem a revitimização e o risco de terem sua orientação exposta e discriminada (Ard & Makadon, 2011).

Categoria II: Apoio Social

Nesta categoria (F=206, 22,2%), incluíram-se as subcategorias *Amigos e Redes de Apoio* (F=68, 32,85%), *Vivência LGBT e Identidade Social* (F=53, 25,60%), *Exposição da sexualidade* (F=47, 22,71%) e *Contexto Familiar* (F=39, 18,84%). Os participantes falaram principalmente da interação com amigos, de questões associadas com ser LGBT, tais como: referências aos espaços LGBT-friendly que frequenta, se os relacionamentos com outros homens eram ou não assumidos para a família e amigos, se a família aceitava ou não sua sexualidade.

Acerca da vivência LGBT e identidade social, trazemos um trecho em que Fê assumiu publicamente a relação com seu então namorado:

Foi um momento de a sociedade me ver com outro homem andando de mão dada. (...) porque eu nunca tinha feito isso antes. Porque as coisas antes eram mais em festas, né, rolava de ficar numa festa, tal, né?

Em contrapartida, Apolo enfrenta dificuldades em expor seu relacionamento à mãe:
ele vai lá todo fim de semana, vai lá direto, fica no meu quarto trancado, mas ela acha ou quer achar que a gente é amigo. Eu acho isso ruim, porque pra mim tira... meio que... não é que desqualifique, mas descredita a relação da gente.

O acolhimento por parte da família e dos amigos é um aspecto importante para que os indivíduos se sintam mais satisfeitos dentro das relações amorosas (Lomando, Wagner & Gonçalves, 2011). Porém, em muitos casos, a família reluta em aceitar que um membro não se adeque à heteronormatividade (Elísio, Neves & Paulos, 2018). A não-aceitação da família, enquanto consequência do heterossexismo, constitui um elemento de vulnerabilidade para os indivíduos. Na perspectiva de Ayres, o estigma e a discriminação integram a dimensão social da vulnerabilidade e, assim, aumentam as chances de se desenvolver agravos de saúde física e mental (Ayres et al, 2006).

De maneira geral, os amigos aparecem mais frequentemente nas narrativas dos entrevistados do que as famílias. Sobre o posicionamento de uma amiga diante do ex-namorado agressivo, Tomás fala:

Por sinal uma melhor amiga dele da época hoje é minha amiga. Não fala mais com ele. Porque ela disse que não quer conversa com uma pessoa daquela.

Apolo, quando indagado sobre se contava aos amigos sobre as violências que sofria do ex-namorado, diz:

Contava, contava o que eu passava sim. Eles notavam e eu contava. Porque se eu não contasse também, eu acho que eu ia morrer.

Fundamental para o enfrentamento da violência é o estabelecimento de redes de apoio entre semelhantes (Brasil, 2001). Entretanto, ainda que os participantes expressem um sentimento de pertença em relação à comunidade LGBT, não emergem dos discursos referências às políticas públicas de apoio a essa população em situação de violência. Apenas o participante Fê alude a um movimento social LGBT do qual é membro ativo, porém, ao buscar apoio para as experiências que teve, afirmou ter procurado a ajuda de amigos.

As vivências afetivas dos homens em relações íntimas com outros homens estão marcadas pelo caráter estigmatizado, socialmente deslegitimado dos seus afetos (Ortega-Montenegro, 2016). Nesse contexto, a sociedade pode ser um elemento revitimizador para as vítimas de VRI, pois tenderá a buscar no indivíduo, e não no conjunto de fatores que permeiam a relação, as explicações para o “fracasso” do relacionamento.

Categoria III: Desdobramentos das Experiências

Esta categoria representa um quinto dos conteúdos analisados (F=192, 20,6%) e abrange as subcategorias *Representações sobre parceiro* (F=84, 43,75%), *Impacto dos Conflitos* (F=77, 40,10%) e *Conscientização e Amadurecimento* (F=31, 16,15%). Os conteúdos refletem impressões positivas e negativas dos participantes sobre relacionamentos que viveram ou que estão vivendo atualmente, repercussão dos episódios de violência e negociação e aspectos de aprendizagem proporcionados pelas primeiras experiências. Deixemos Tomás falar acerca de uma primeira experiência que ele não considerou como particularmente traumática:

Esse primeiro foi bem significativo assim, falhou comigo, mas hoje somos amigos e tal, e falhou, errou comigo, mas traição não é o fim do mundo também, e hoje somos amigos, amigos mesmo.

Contudo, um espancamento vivenciado no segundo relacionamento trouxe aflições bem mais sérias a Tomás, como se pode ver neste segundo recorte:

Medo. Eu fiquei com medo. Eu fiquei, quando eu pegava ônibus, eu pegava ou uma parada antes ou uma parada depois.

A literatura aponta muitas consequências negativas da violência, entre elas diminuição da autoestima, ansiedade e abuso de substâncias. Porém, quando os indivíduos recebem suporte e têm a oportunidade de trabalhar suas questões, eles podem atenuar o sofrimento e .

Eu faço terapia, né, e eu disse uma vez lá. Eu não sinto... hoje eu não sinto pena dele, eu não sinto raiva, eu não sinto nada. Sabe? passou. Não quero esquecer, porque esquecer é Alzheimer, né? E eu não quero esquecer, faz parte de mim. Fez parte de mim. Não é uma coisa que eu lembre, mas não é uma coisa que me faça mal quando eu lembro. (Tomás)

Categoria IV: Construção da Identidade

Esta categoria (F=184, 19,8%) envolve as subcategorias *Personalidade, Valores e Hábitos* (F=88, 38,10%), *Experimentação e autodescoberta* (F=63, 27,27%) e *Relações Casuais e Prazer Físico* (F=47, 20,35%). As unidades de sentido classificadas nessa categoria expressam o que dá sentido à formação pessoal dos participantes na esfera afetiva, como suas

visões acerca do amor e dos relacionamentos, suas primeiras experiências com outro homem e relações casuais que tiveram. Sobre estar em um relacionamento atualmente, Pedro afirma:

Acho que relacionamento é um pouco disso, de crescimento.

É importante lembrar que todos os homens da amostra se declararam gays, portanto a primeira experiência com outro homem se mostrou definidora das suas trajetórias afetivas. Fê relata o seu primeiro relacionamento, que durou um ano e meio numa base mais casual:

Foi uma iniciação mesmo. Porque assim, se o menino curtisse e o outro curtisse, ficava, né? Mas se não, aí não ia rolar. Foi iniciação mesmo, coisa de experiência.

Acho que foi a oportunidade que eu tive de botar pra fora toda aquela repressão que a pessoa sente, né, quando tá no desenvolvimento, quando tá na adolescência. Aquela vontade de experimentar, não experimenta... eu já tinha namorado com algumas meninas também antes disso. Acho que tanto para perceber, né, qual era, quanto pra realmente saber o que eu queria para minha vida ou não. (Bruno)

A descoberta da sexualidade homossexual é de natureza tão dinâmica e fluida quanto a descoberta heterossexual (Louro, 1997), mas o estigma em torno da homossexualidade acentua a percepção do desejo homossexual como um evento incomum. No paradigma explicativo da Psicologia Social, os teóricos da Categorização Social mostram que as características dos grupos minoritários são percebidas como salientes dentro grupo de pertença quando postas em comparação com aquelas do grupo majoritário. Além disso, frequentemente essas características são percebidas como inferiores, porque se originam da perspectiva do grupo dominado e não do dominante (Amâncio, 2007). Esse é um dos elementos que estão na base do heterossexismo internalizado (López, 2014).

Categoria V: Negociação/Parceria

Essa é a menor das categorias (F =71, 7,6%) e tem como subcategorias *Cooperação Afetiva* (F=49, 69,01%) e *Relacionamento Tradicional* (F=22, 30,99%). Diz respeito a experiências de relacionamento baseadas na compreensão mútua e diálogo, que podem ou não ter tomado parte em relacionamentos com episódios de violência. Essa categoria marca o caráter dinâmico das relações de intimidade entre homens.

A cooperação afetiva se mostrou presente especialmente na fala de Pedro, que está junto com o primeiro namorado há seis anos:

Eu acho assim, que o que tem de mais significativo é a companhia no sentido de um ajudar o outro a crescer junto, tendeu? A gente poder pensar projetos e um poder ajudar o outro na construção desse projeto. A gente tem um projeto juntos, tanto de trabalho, acadêmico, de vida, essas coisas.

Todos os participantes afirmaram ter tido relacionamentos monogâmicos/exclusivos que foram significativos. Nenhum deles relatou ter vivido outros acordos relacionais, tais como poliamor e relacionamento aberto. Essa ausência pode indicar baixa preferência por esses acordos ou desconforto ante a possibilidade de revelar detalhes íntimos, o que é comum em entrevistas sobre experiências pessoais (Gil, 2008).

Marcos conta acerca da sua primeira experiência no passado:

Primeiro relacionamento, né, a gente sempre fica besta, né? A gente acredita em tudo, a gente se ilude, a gente já quer imaginar uma vida juntos, já casados, quem sabe até adotando uma criança, mas pelo menos um cachorro em casa, né, aquela vida a dois.

A monogamia muitas vezes é o acordo de relacionamento escolhido entre homens. Assim, os casais de homens, ao mesmo tempo que rompem com a norma heterossexual, reproduzem de modelos hegemônicos influenciados pela moralidade cristã/ocidental (). A opção por acordos monogâmicos se mostra como uma estratégia para reduzir a insegurança e o medo de ser substituído por outro parceiro (Hosking, 2013).

Num estudo desenvolvido por Edwards com homens gays e negros, casais monogâmicos relataram índices altos de satisfação conjugal (Edwards, 2016). As experiências de traição relatadas por quase todos os participantes, contudo, mostram que o acordo monogâmico frequentemente é rompido por uma das partes ou ambas. Em alguns casos o rompimento pode advir da dificuldade em estabelecer regras claras e equilibradas para o acordo de relacionamento (Costa, Machado & Antunes, 2011). Na experiência de Bruno:

Acho que um privava o outro no final das contas, mas a gente se privava de tudo. Pra viver como se fosse uma vida de casado, mas sem ser.

3.4 Considerações Finais

No artigo intitulado *Considerações éticas na investigação com vítimas de violência e de crime*, Sônia Caridade alerta para a situação de vulnerabilidade em que se inserem os participantes e a decorrente necessidade de cuidados específicos. Dessa forma, trouxemos neste trabalho um conjunto de perguntas indiretas e preparadas para despertar o mínimo possível de emoções negativas nas vítimas, apesar de ser difícil a evocação de eventos dolorosos do passado (Caridade, 2017). A autora ainda observa, contudo, que estudos voltados às vítimas de violência são essenciais por dar fundamento a práticas de intervenção. Desse modo, ainda que o estudo possa envolver algum nível de desconforto, os resultados

trazem à luz histórias e experiências necessárias para se entender e agir sobre a VRI de homens.

Portanto, o trabalho buscou entender as experiências de homens em relacionamentos com outros homens para, a partir daí, identificar e *refletir sobre* o conjunto de fatores que se situam antes, durante e depois de um episódio de violência sofrida. Nesses fatores estão as primeiras experiências dos indivíduos, a atenção e respaldo da família e amigos, as dinâmicas relacionais, os episódios de violência sofridos dentro de relacionamentos, o amadurecimento posterior às experiências, entre outros.

Porém, assim como a divisão entre as dimensões da vulnerabilidade de Ayres, os marcos temporais de antes, durante e depois são tão-somente ilustrativos: sabemos que os fatores podem coexistir e se sobrepor, o que ficou demonstrado nas experiências dos participantes. Essas reflexões nos levaram a verificar que as vivências de homens em relações íntimas se encontram atravessadas, no nível pessoal, por silenciamento e racionalização e, num nível social, pela negligência e dificuldade em buscar apoio institucional, sob pena de revitimização e discriminação.

Ainda que nosso trabalho tenha limitado o escopo a homens gays para melhor se debruçar sobre as especificidades da vivência masculina, os problemas apontados podem acometer à população LGBT de maneira geral. Por isso, esses problemas precisam ocupar espaços de discussão do Estado, dos veículos de comunicação e da sociedade civil em geral.

3.5 Referências

- Amâncio, L. (2007). Identidade social e relações intergrupais. In Vala, J. & Monteiro, M. B. *Psicologia Social* (7ª edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ard, K. L. & Makadon, H. J. (2011). Addressing Intimate Partner Violence in Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Patients. *Journal of General Internal Medicine*, 26(8):930–3.
- Ayres, J. R. C. M. et al. (2006). Risco, vulnerabilidade e práticas de prevenção e promoção da saúde. In: Campos, G. W. S. et al. (Orgs.). *Tratado de Saúde Coletiva*. São Paulo: Hucitec, p. 375-417.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brasil (2002). *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. (Cadernos de Atenção Básica, 8). Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil (2006). Lei nº 11.340 [Lei Maria da Penha]. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm
- Brasil (2013). *Mulheres lésbicas e bissexuais: direitos, saúde e participação social*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Caballero, N. R. (2013). *Violencia contra la pareja en relaciones homosexuales: un estudio pericial psicológico*. [Dissertação de Mestrado]. Santiago de Compostela: USC.
- Caridade, S. (2017). Considerações éticas na investigação com vítimas de violência e de crime. *Revista PSICOLOGIA*, 31(1), 37-48.
- Carlomagno, M. C. & Rocha, L. C. (2016). Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, 7(1), 173-188.

- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3), 715-726.
- Costa, J. M. B. (2013). Do lilás ao roxo: violências nos vínculos afetivo-sexuais entre mulheres. [Dissertação de Mestrado]. Recife: Universidade Federal do Pernambuco.
- Costa, L. G., Machado, C. & Antunes, R. (2011). Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade. *Psychologica*, 1, 2-15.
- Doise, W. (2002). Da psicologia social à psicologia societal. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(1), 27-35.
- Elísio, R., Neves, S. & Paulos, R. (2018). A violência no namoro em casais do mesmo sexo: discursos de homens gays. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 117, 47-72.
- Fontanella, B. J. B., Ricas, J. & Turato, E. R. (2008). Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 24(1), 17-27.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- Guzmán, M. O. (2015). Violencia en el noviazgo de parejas del mismo género. Un problema no explorado. In: Reyes, M. E. M. & Guzmán, M. O. *Psicología de la Violencia: Causas, Prevención y Afrontamiento* (Tomo II, 2ª Ed.). Mexico, D. F.: Editorial El Manual Moderno, 49-61.
- Hosking, W. (2013). Australian Gay Men's Satisfaction with Sexual Agreements: The Roles of Relationship Quality, Jealousy, and Monogamy Attitudes. *Archives of Sexual Behavior*, 43(4), 823-832.
- Kay, M. & Jeffries, S. (2010). Homophobia, Heteronormativity and Hegemonic Masculinity: Male Same-Sex Intimate Violence from the Perspective of Brisbane Service Providers. *Psychiatry, Psychology and Law*, 17(3), 412-423.

- Lacerda, M., Pereira, C. & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178.
- Lomando, E., Wagner, A. & Gonçalves, J. (2011). Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. *Psicologia: Teoria e Prática*, 13(3):95-109.
- López, A. O. (2014). Agresión en parejas homosexuales en España y Argentina: Prevalencias y heterosexismo. Tese de Doutorado. Madri: Universidad Complutense de Madrid.
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. (6ª Ed.). Petrópolis: Vozes.
- Luz, R. R. & Gonçalves, H. S. (2014). Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível. *Bagoas*, 11, 79-99.
- Ministério da Saúde. (2002). *Violência Intrafamiliar: Orientações para práticas em serviço*. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde.
- Moraes, C.L., Hasselmann, M. H. & Reichenheim, M. E. (2002). Adaptação transcultural para o português do instrumento “Revised Conflict Tactics Scales (CTS2)” utilizado para identificar violência entre casais. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 18(1):163-176.
- Prata, M. R. (2008). A discriminação contra os homossexuais e os movimentos em defesa de seus direitos. [Dissertação de Mestrado]. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC).
- Ortega-Montenegro, Y. M. (2016). Proyecto de investigación: La violencia entre parejas del mismo sexo. Propuesta de campaña para información y prevención. [Dissertação de Mestrado]. Tlaquepaque: ITESO.

- Rinco, P. (2016). *Vulnerabilidade de orientação sexual e identidade de gênero: direitos socioassistenciais e a protetividade de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros na cidade de São Paulo, Brasil*. Trabalho apresentado ao XXI Congresso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Santiago, Chile, 8-11 nov.
- Ross, W. & Rosser, B. R. S. (1996). Measurement and correlates of Internalized Homophobia: A factor analytic study. *Journal of Clinical Psychology*, 52(1), 15-21.
- Shields, C. S. & Carroll, R. A. (2014). Same-Sex Domestic Violence: Prevalence, Unique Aspects, and Clinical Implications. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 1-29.
- Silva, A. N. N. (2007). Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO).
- Sposati, A. (2011). Tendências latino-americanas da política social pública no século XXI. *Katálisis*, 14(1), 104-115.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1978). Intergroup behavior. Tajfel, H., & Fraser, C. (Eds.). (1978). *Introducing social psychology: An analysis of individual reaction and response*. New York: Penguin Books, 401-466.
- Vickers, L. (1996). The Second Closet: Domestic Violence in Lesbian and Gay Relationships: A Western Australian Perspective. *Murdoch University Electronic Journal of Law*, 3(4). Recuperado de: < <http://classic.austlii.edu.au/au/journals/MurUEJL/1996/37.html#n14>>
- Vinuto, J. (2014). A Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas, Campinas*, 22(44): 203-220.

Capítulo IV – Considerações Finais

Tomados em conjunto, os resultados obtidos nesta dissertação apontam que a violência nos relacionamentos entre homens se manifesta em níveis alarmantes e só pode ser compreendida levando-se em conta as especificidades das práticas afetivas que vão além da heteronormatividade. A violência é um fenômeno multidimensional, o que implica dizer que uma análise voltada apenas para uma das dimensões (por exemplo, culpabilização do agressor) nos fará perder de vista reflexões importantes, ou mesmo distorcerá nossa capacidade de julgamento e análise de uma questão social. Os artigos desse trabalho de dissertação permitiram que olhássemos para o fenômeno sob a ótica da mídia e dos próprios indivíduos que estão numa situação de vulnerabilidade.

Ainda que a mídia venha se mostrando um veículo importante para difusão de informações sobre a diversidade sexual e de gênero, os conteúdos que dizem respeito às pessoas LGBT de maneira geral ainda realizam análises muito superficiais e permeadas de estereótipos negativos. Em contrapartida, podemos evocar o fenômeno que tem sido alvo de discussões atuais no movimento LGBT, o poder de compra e potencial lucrativo dessa população, o *pink money*. As empresas e a grande mídia muitas vezes estão dispostas a promover e a vender produtos e serviços dirigidos à população LGBT, valendo-se para isso de um conjunto de símbolos e imagens associados à comunidade. Porém, quando se trata de atuar na garantia dos direitos fundamentais do seu público, essas mesmas empresas e setores midiáticos frequentemente deixam a desejar, com a omissão de importantes figuras públicas e veículos de comunicação acerca de diversas pautas sociais.

A falta de discurso diz ainda mais do que o discurso superficial. Em relação à mídia televisiva e minorias sociais, por exemplo, a ausência de modelos representativos do público LGBT em geral denuncia que a heteronormatividade ainda é um fenômeno muito predominante, apesar dos dispositivos legais e sociais que vêm sendo aplicados para sua diluição. Quantas vezes em canais de televisão aberta tivemos contato com histórias em que

personagens gays, bissexuais, lésbicas ou transexuais viviam e agiam como pessoas tridimensionais em vez de caricaturas definidas exclusivamente por sua sexualidade “desviante”?

Assim, entender a violência enfrentada por esses homens possibilita não apenas pensar em novas abordagens e estratégias para prevenção e cuidado no âmbito das políticas públicas. Esta seria a contribuição científica, que não deixa de ser essencial. Mas também propomos, nessas páginas, que os resultados empíricos tenham o caráter de denúncia. Essa denúncia das formas de violência pretende, então, atentar para a necessidade de um olhar mais humanizado, voltado à prevenção e ao cuidado frente a pessoas em situação de vulnerabilidade. Comumente vemos representações da população LGBT na mídia, mas poucas vezes se tem acesso ao “outro lado”: o que é deixado de fora na análise sobre as vivências e conjugalidades dessa população? Quais são as especificidades de cada grupo, por exemplo, as pessoas bissexuais?

Sendo impossível abranger tudo, inclusive correndo o risco de fazer generalizações inadequadas, propomo-nos a tentar preencher pelo menos uma dessas lacunas e verificamos que nosso objetivo geral de compreender a violência entre homens em relações íntimas foi contemplado, e ainda mais, pois nos deparamos com achados importantes que fugiram ao escopo das teorizações iniciais e enriqueceram as reflexões propostas.

Como exemplo, podemos pensar em formas de ampliar e divulgar trabalhos interessantes que já estão sendo realizados ao redor do mundo para alertar sobre a violência. Referenciamos a cartilha didática do instituto Galop, no Reino Unido, um trabalho voltado para pessoas LGBT que são vítimas de VRI (Galop, s/d). além de cartilhas informativas, podem-se elaborar outros materiais e campanhas divulgadas na internet e espaço físico. É importante que as iniciativas promovam a conscientização tanto do nicho LGBT quanto dos

demais grupos populacionais, visto que as repercussões dessa violência são sentidas em diversos níveis.

Esperamos que esse trabalho apresente contribuições importantes na compreensão do fenômeno da violência em relacionamentos íntimos de homens. Enquanto produção do conhecimento, o trabalho propõe perceber essa violência como uma questão da Psicologia Social. Ao mesmo tempo, buscamos investigar fatores de vulnerabilidade de caráter societal, evitando assim excessiva psicologização do fenômeno, bastante presente na literatura consultada. Com isso, esperamos situar melhor esse fenômeno nos diversos contextos socioeconômicos, étnicos, políticos e culturais em que acontece.

Enquanto intervenção, o trabalho possibilita uma aproximação com os participantes em suas experiências de vida e compreensão dos sentidos que atribuem a essa experiência. No curto prazo essa aproximação é importante para a pesquisadora, contribuindo para uma atuação em Psicologia Social mais comprometida e informada, e também para os participantes, proporcionando um espaço de expressão.

Mas o longo prazo é a maior contribuição que queremos deixar. Nesta perspectiva, esperamos que a defesa e publicação do trabalho contribuam em dar visibilidade a uma violência pouco vista, porém intensamente sentida.

Capítulo V - Referências

- Alvaro, J. L. & Garrido, A. (2017). *Psicologia Social: Perspectivas Psicológicas e Sociológicas*. São Paulo: Artmed.
- Arendt, H. *Da violência*. (1969/2004). Trindade, M. C. D. (Trad.). Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- Arendt, H. (1999). *Eichmann em Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bezerra, P. H. A. (2015). Aspectos teóricos e conceituais sobre gênero, sexualidade e subversão: uma análise entre Judith Butler e Pierre Bourdieu. Trabalho apresentado na VII Jornada Internacional Políticas Públicas, São Luís, 25-28 ago.
- Blosnich, J. R. & Bossarte, R. M. (2009). Comparisons of Intimate Partner Violence Among Partners in Same-Sex and Opposite-Sex Relationships in the United States. *American Journal of Public Health*, 99(12).
- Bobbio, N. (2000). Política e Moral. In Bobbio, N. *Teoria Geral da Política*. Rio de Janeiro: Campus.
- Bobbio, N. (2004). *A Era dos Direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Bourdieu, P. (2012). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brasil. (2001). Secretaria de Políticas de Saúde. *Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Butler, J. P. (1999). *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. (2ª edição). New York: Routledge.
- Butler, J. (2004). *Undoing Gender*. New York: Routledge.
- Castedo, A. (2017). O drama do 'armário duplo': a violência 'invisível' entre casais do mesmo sexo. BBC News Brasil. Recuperado de: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39791785>>
- Chan, C. (2005). Domestic Violence in Gay and Lesbian Relationships. *Australian Domestic and Family Violence Clearinghouse Topic Paper*.
- Comissão Interamericana de Direitos Humanos (CIDH). (2001). Caso 12.051 (Maria da Penha). Brasil. Recuperado de: <<https://www.cidh.oas.org/annualrep/2000port/12051.htm>>

- Connell, R. & Messerschmidt, J. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 21(1), 241-282.
- Conselho Nacional de Saúde (2012). Resolução nº 466. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>>
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em Psicologia*, 23(3), 715-726.
- Crisp, R. J. & Turner, R. N. (2013). *Psicologia Social Essencial*. São Paulo: Ed. Roca.
- Dahlberg LL, Krug EG. Violence a global public health problem. *Ciênc Saúde Coletiva* 2006; 11 Suppl:277-92
- Day, V. P., Telles, L. D. B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. D., Machado, D. A., Silveira, M. B.; ... & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista Psiquiátrica Rio Grande do Sul*, 25(1), 9-21.
- Freud, S. (1905/1996). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In Freud, S. *Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 163-195.
- Freud, S. (1932/1989). Por que a guerra? (Einstein e Freud). In J. Strachey (Org.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, pp. 237-259). Rio de Janeiro: Imago.
- Galop. (s/d.). Myths and stereotypes about violence and abuse in same-sex relationships. [Factsheet]. Recuperado de: <<http://www.galop.org.uk/wp-content/uploads/For-Service-Providers-Myths.pdf>>
- Gorcieski, V. (2015). John Gray: “Querer a paz perpétua leva a grandes matanças”. *Revista Época*. Recuperado de: <<https://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/06/john-gray-querer-paz-perpetua-leva-grandes-matancas.html>>
- Kay, M. & Jeffries, S. (2010). Homophobia, Heteronormativism and Hegemonic Masculinity: Male Same-Sex Intimate Violence from the Perspective of Brisbane Service Providers. *Psychiatry, Psychology and Law*, 17(3), 412-423.
- Lima, M. E. O. (2013). Preconceito. In L. Camino, A. R. Torres, M. E. Lima, & M. E. Pereira (Eds.). *Psicologia social: temas e teorias*, 587-638. Brasília: Technopolitik.
- Silva. S. G. (2006). A crise da masculinidade: Uma Crítica à Identidade de Gênero e à Literatura Masculinista. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26 (1), 118-131.

- Luz, R. R. & Gonçalves, H. S. (2014). Violência doméstica entre casais homossexuais: a violência invisível. *Bagoas*, 11, 79-99.
- Miguel, L. F. (2014). Violência e Política. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 30(88).
- Minayo, M. C. S. & Souza, E. R. (1998). Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 4(3): 513-531.
- Ministério da Saúde. (2002). *Violência Intrafamiliar: Orientações para práticas em serviço*. Brasília: Secretaria de Políticas de Saúde.
- Nunan, A., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2010). O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação Psicol.*, 14(2), 255-262.
- Pinker, S. (2013). *Os anjos bons da nossa natureza*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rabelo, A. O. (2010). Contribuições dos Estudos de Gênero às Investigações que Enfocam a Masculinidade. *Ex aequo*, 21, 161-176.
- Rodriguez, J. M. (2016). Queer Politics, Bisexual Erasure: Sexuality at the Nexus of Race, Gender, and Statistics. *UC Berkeley*. Recuperado de <<https://escholarship.org/uc/item/8hv987pn>>
- Sanmartín, J. (2006). ¿Que és esa cosa llamada violencia? *Suplemento del Boletín Diario de Campo*, 40.
- Sartori, G. (1997). Que é a Política? Em Sartori, G. *A Política: lógica e método nas ciências sociais*. (2ª ed.). Brasília: Editora UNB.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação & Realidade*, 15(2), 71-99.
- Souza, E. R.; Minayo, M. C. S. (Org.). *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.
- Tilio, R. (2014). Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. *Gênero*, 14(2), 125-148.
- Ursua, N. (2007). Cultura y violencia: aspectos sociales que contribuyen a la violencia y estrategias culturales de prevención. In Sabucedo, J. M. & Sanmartín, J. (Ed.). *Los Escenarios de la violencia*, 283-292. Barcelona: Editora Ariel.

Apêndices

APENDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado Senhor,

Esta pesquisa, sob CAAE: 93173218.9.0000.5188, trata sobre as táticas resolução de conflitos entre homens em relacionamentos homossexuais, e está sendo desenvolvida pela aluna de Mestrado Joyce Hellem Delmiro Martins, sob a orientação da professora da Graduação em Psicologia e da Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba Prof.^a Dr.^a Ana Alayde Werba Saldanha.

A resolução de conflitos é diretamente associada com a violência doméstica e, portanto, presente nas investigações de diversas áreas das ciências sociais. Porém poucos trabalhos direcionam-se especificamente aos relacionamentos íntimos entre homens e suas especificidades. Assim, este trabalho tem como objetivo investigar a violência doméstica em relacionamentos íntimos entre homens. A participação nessa pesquisa pode contribuir para maior compreensão do fenômeno, ainda tópico recente na literatura científica.

Essa pesquisa ainda se compromete com o mínimo de danos e riscos aos seus participantes. Portanto, caso você se sinta incomodado com os sentimentos que as perguntas possam suscitar, a pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário, em qualquer etapa da pesquisa. Também estão disponíveis ao final deste termo dados para contato, caso isso ocorra em momento posterior à aplicação do instrumento de coleta de dados.

Solicitamos, pois, o seu consentimento para que você possa colaborar, participando da pesquisa; assim como solicitamos sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Psicologia e/ou em publicações em revistas científicas. Em qualquer circunstância, seu nome não será identificado, bem como não serão divulgados dados que possam lhe identificar.

Esclarecemos que a participação no estudo é voluntária e, portanto, você não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pela pesquisadora. Caso decida não participar do estudo ou resolver, a qualquer momento, desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano ou qualquer outra situação que incorra em constrangimento.

É válido ressaltar ainda que a participação nessa pesquisa não acarretará nenhum custo financeiro por parte do participante. E este último tomará nota de todas as informações contidas nesse documento.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido e dou o meu consentimento para que eu participe da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador Responsável

Contatos do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, seguem os contatos das pesquisadoras Prof.^a Dr.^a Ana Alayde Werba Saldanha e Joyce Hellem Delmiro Martins:

Ana Alayde Werba Saldanha

Campus Universitário/ CCHLA/ Departamento de Psicologia
Caixa Postal 5069
CEP 58059-200
João Pessoa, Paraíba.
E-mail: ana-alayde@googlegroups.com
Fone: (83) 3216-7006

Joyce Hellem Delmiro Martins

Campus Universitário/CCHLA/NPVPS - Núcleo de Pesquisa Vulnerabilidades e Promoção da Saúde
CEP: 58059-900
E-mail: jhdm.psi@gmailcom
Fone: (83) 99640-0420

Contatos do Comitê de Ética em Pesquisa – Centro de Ciências da Saúde:

Centro de Ciências da Saúde – 1º andar
Campus I / Cidade Universitária
CEP: 58.051-900
Fone: (83) 3216-7791

APENDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Idade (somente números): _____

Orientação Sexual:

- (1) Homossexual
- (2) Bissexual
- (3) Outros: _____

Religião:

- (1) Cristão/católico
- (2) Cristão/evangélico
- (3) Espírita
- (4) Candomblecista
- (5) Umbandista
- (6) Não tenho religião
- (7) Outra: _____

O quanto você se considera religioso?

Nada religioso	Pouco religioso	Mais ou menos religioso	Muito religioso	Extremamente religioso
----------------	-----------------	-------------------------	-----------------	------------------------

Qual a situação atual da sua renda? (marcar mais de uma, se for o caso)

- () Própria (emprego, bolsa-estágio, etc.)
- () Recebo a ajuda de pais/familiares
- () Recebo a ajuda do meu companheiro
- () Benefícios /programas do governo
- () Outros: _____

Quanto tempo durou o seu relacionamento mais longo (passado ou atual) com outro homem?

- () Menos de 2 meses
- () 2 a 6 meses
- () 6 meses a 1 ano
- () Entre 1 e 2 anos
- () Mais de 2 anos

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

SOCIODEMOGRÁFICO

Qual a sua idade?

Qual a sua orientação sexual?

Qual a sua religião?

O quanto você se considera religioso numa escala de zero a cinco?

Quanto tempo durou sua relação mais longa com outro homem?

EXPERIÊNCIAS

1. Quantos relacionamentos sérios você teve com outro homem?

2. Você já viveu com algum deles (perguntar também se é solteiro, casado ou viúvo)?

3. Com quantos anos você teve seu primeiro namorado? Se puder, queria que me contasse a experiência, por exemplo, como vocês se conheceram, quanto tempo durou e como foi que terminaram.

4. Das relações que você teve, quais foram as mais significativas e por quê?

5. Pense nessa relação que significou mais para ti. Como era essa relação?

6. Quais os principais conflitos que vocês tinham, por exemplo, ciúmes, dinheiro, problemas com amigos?

7. A pessoa chegou a te dizer como se vestir ou se comportar?

8. Quais foram os momentos mais fortes ou mais complicados dentro do relacionamento? Como foi que as situações difíceis começaram?

9. O que os seus amigos, família etc. achavam do relacionamento?

10. Na época, você contou a alguém sobre os conflitos?

11. Seus amigos e família percebiam algum conflito?

12. Você conheceu mais alguém depois desse relacionamento? Como você se sente nessa relação? O que há de diferente?

ANEXOS

ANEXO A – ESCALA CTS2 PERGUNTAS “A”

ITEM	Nunca	Uma vez	2-5 vezes	6-10 vezes	Mais de 10 vezes
Você mostrou que se importava com ele mesmo que vocês estivessem discordando?	1	2	3	4	5
Você explicou para seu companheiro o que você não concordava com ele?	1	2	3	4	5
Você insultou ou xingou o seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você jogou alguma coisa no seu companheiro que poderia machucá-lo?	1	2	3	4	5
Você torceu o braço do seu companheiro ou puxou o cabelo dele?	1	2	3	4	5
Você teve uma torção, contusão, “mancha roxa” ou pequeno corte por causa de uma briga com seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você mostrou que respeitava os pontos de vista e os sentimentos dele?	1	2	3	4	5
Você obrigou o seu companheiro a fazer sexo sem usar camisinha?	1	2	3	4	5
Você deu um empurrão no seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você usou de força como, por exemplo, segurar ou bater nele ou usar uma arma, para obrigar o seu companheiro a fazer sexo oral ou anal com você?	1	2	3	4	5
Você usou uma faca ou arma contra o seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com o seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você chamou o seu companheiro de gordo/a, feio/a ou alguma coisa parecida?	1	2	3	4	5
Você deu um murro ou acertou o seu companheiro com alguma coisa que pudesse machucar?	1	2	3	4	5
Você destruiu alguma coisa que pertencia ao seu companheiro de propósito?	1	2	3	4	5
Você foi a um médico ou serviço de saúde por causa de uma briga com seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você sufocou ou estrangulou seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você gritou ou berrou com o seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você jogou o seu companheiro contra a	1	2	3	4	5

parede com força?					
Você disse para ele que achava que vocês poderiam resolver o problema?	1	2	3	4	5
Você deveria ter ido a um médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com seu companheiro, mas não foi?	1	2	3	4	5
Você deu uma surra no seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você segurou o seu companheiro com força?	1	2	3	4	5
Você usou de força como, por exemplo, segurar ou bater nele ou usar uma arma para obrigar o seu companheiro a fazer sexo com você?	1	2	3	4	5
Você virou as costas e foi embora no meio de uma discussão?	1	2	3	4	5
Você insistiu em fazer sexo quando o seu companheiro não queria sem usar força física?	1	2	3	4	5
Você deu um tabefe ou bofetada no seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você quebrou um osso por causa de uma briga com o seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você fez ameaças para obrigar o seu companheiro fazer sexo oral ou anal com você?	1	2	3	4	5
Você sugeriu que procurassem juntos uma solução para resolver as diferenças ou desavenças?	1	2	3	4	5
Você queimou ou derramou líquido quente em seu companheiro de propósito?	1	2	3	4	5
Você insistiu para que seu companheiro fizesse sexo oral ou anal com você sem usar força física?	1	2	3	4	5
Você acusou o seu companheiro de ser "ruim de cama"?	1	2	3	4	5
Você fez alguma coisa para ofender o seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você ameaçou acertar ou jogar alguma coisa no seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você sentiu dores no corpo que duraram até o dia seguinte por causa de uma briga com o seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você chutou o seu companheiro?	1	2	3	4	5
Você fez ameaças para obrigar o seu companheiro fazer sexo com você?	1	2	3	4	5
Você concordou com a solução que foi sugerida por ele?	1	2	3	4	5

ANEXO B – ESCALA CTS2 PERGUNTAS “B”

ITEM	Nunca	Uma vez	2-5 vezes	6-10 vezes	Mais de 10 vezes
Seu companheiro mostrou que se importava com você mesmo que vocês estivessem discordando?	1	2	3	4	5
Seu companheiro explicou para você o que ele não concordava com você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro insultou ou xingou você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro jogou alguma coisa em você que poderia machucar?	1	2	3	4	5
Seu companheiro torceu seu braço ou puxou seu cabelo?	1	2	3	4	5
Seu companheiro teve uma torção, contusão, “mancha roxa” ou pequeno corte por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro mostrou que respeitava os seus pontos de vista e os seus sentimentos?	1	2	3	4	5
Seu companheiro obrigou você a fazer sexo sem usar camisinha?	1	2	3	4	5
Seu companheiro deu um empurrão em você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro usou de força como, por exemplo, segurar ou bater ou usar uma arma, para obrigar você a fazer sexo oral ou anal com ele?	1	2	3	4	5
Seu companheiro usou uma faca ou arma contra você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro desmaiou ao levar uma pancada na cabeça durante uma briga com você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro chamou você de gorda/o, feia/o ou alguma coisa parecida?	1	2	3	4	5
Seu companheiro deu um murro ou acertou você com alguma coisa que pudesse machucar?	1	2	3	4	5
Seu companheiro destruiu alguma coisa que pertencia a você de propósito?	1	2	3	4	5
Seu companheiro foi ao médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro sufocou ou estrangulou você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro gritou ou berrou com você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro jogou você contra a	1	2	3	4	5

parede com força?					
Seu companheiro disse que achava que vocês poderiam resolver o problema?	1	2	3	4	5
Seu companheiro deveria ter ido a um médico ou algum serviço de saúde por causa de uma briga com você, mas não foi?	1	2	3	4	5
Seu companheiro deu uma surra em você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro segurou você com força?	1	2	3	4	5
Seu companheiro usou de força como, por exemplo, segurar ou bater ou usar uma arma para obrigar você a fazer sexo com ele?	1	2	3	4	5
Seu companheiro virou as costas e foi embora no meio de uma discussão?	1	2	3	4	5
Seu companheiro insistiu em fazer sexo quando você não queria sem usar força física?	1	2	3	4	5
Seu companheiro deu um tabefe ou bofetada em você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro quebrou um osso por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro fez ameaças para obrigar você a fazer sexo oral ou anal com ele?	1	2	3	4	5
Seu companheiro sugeriu que procurassem juntos uma solução para resolver as diferenças ou desavenças?	1	2	3	4	5
Seu companheiro queimou ou derramou líquido quente em você de propósito?	1	2	3	4	5
Seu companheiro insistiu para que você fizesse sexo oral ou anal com ele sem usar força física?	1	2	3	4	5
Seu companheiro acusou-o de ser "ruim de cama"?	1	2	3	4	5
Seu companheiro fez alguma coisa para ofender você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro ameaçou acertar ou jogar alguma coisa em você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro sentiu dores no corpo que duraram até o dia seguinte por causa de uma briga com você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro chutou você?	1	2	3	4	5
Seu companheiro fez ameaças para obrigar você a fazer sexo com ele?	1	2	3	4	5
Seu companheiro concordou em tentar uma solução que você sugeriu?	1	2	3	4	5

ANEXO C – ESCALA DE HOMOFOBIA INTERNALIZADA (IH)

ITEM	Não descreve em nada o que penso/sinto	Descreve pouco o que penso/sinto	Descreve razoavelment e o que penso/sinto	Descreve muito o que penso/sinto	Descreve completamen te o que penso/sinto
1. Homens homossexuais obviamente efeminados fazem-me sentir desconfortável	1	2	3	4	5
2. Prefiro ter parceiros sexuais anónimos	1	2	3	4	5
3. A vida seria mais difícil se eu fosse heterossexual	1	2	3	4	5
4. A maioria dos meus amigos são homossexuais/bissexuais	1	2	3	4	5
5. Não me sinto confiante para me 'atirar' a um homem	1	2	3	4	5
6. Sinto-me confortável em bares gay	1	2	3	4	5
7. Situações sociais com homens gays fazem-me sentir desconfortável	1	2	3	4	5
8. Não gosto de pensar na minha homossexualidade/bissexualidade	1	2	3	4	5
9. Quando penso em homens homossexuais/bissexuais, penso em situações negativas	1	2	3	4	5
10. Sinto-me confortável ao ser visto em público com uma pessoa explicitamente gay	1	2	3	4	5
11. Sinto-me confortável ao falar sobre homossexualidade num local público	1	2	3	4	5
12. É importante para mim controlar quem sabe da minha homossexualidade	1	2	3	4	5
13. A maioria das pessoas tem reacções negativas à homossexualidade	1	2	3	4	5
14. A homossexualidade não é contra a vontade de Deus	1	2	3	4	5
15. A sociedade ainda pune as pessoas por serem gays ou bissexuais	1	2	3	4	5
16. Eu protesto se contarem alguma piada	1	2	3	4	5

contra homossexuais na minha presença					
17. Preocupo-me com o meu envelhecimento sendo homossexual/bissexual	1	2	3	4	5
18. Preocupo-me com o deixar de ficar atraente	1	2	3	4	5
19. Preferia ser mais heterossexual	1	2	3	4	5
20. A maioria das pessoas não discrimina os homossexuais	1	2	3	4	5
21. Sinto-me confortável com a minha homossexualidade/bissexualidade	1	2	3	4	5
22. A homossexualidade é moralmente aceitável	1	2	3	4	5
23. Não estou preocupado com que descubram que sou gay/bissexual	1	2	3	4	5
24. A discriminação dos homossexuais ainda é comum	1	2	3	4	5
25. Mesmo que pudesse mudar a minha orientação sexual, não mudava	1	2	3	4	5
26. A homossexualidade é tão natural como a heterossexualidade	1	2	3	4	5

ANEXO D – CERTIDÃO DE APROVAÇÃO DO PROJETO PELO CEP

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Violência doméstica em relacionamentos íntimos entre homens

Pesquisador: JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 93173218.9.0000.5188

Instituição Proponente: Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.924.735

Apresentação do Projeto:

Projeto de Mestrado com proposta de Estudo exploratório, descritivo, de caráter quantitativo e transversal.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar a violência doméstica em relacionamentos íntimos entre homens.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O presente estudo oferece riscos psicológicos mínimos a baixos, decorrentes do fornecimento de informações pessoais possivelmente associadas a eventos negativos do passado.

Benefícios:

O estudo oferece benefícios indiretos, tais como a possibilidade de pode promover nos participantes uma maior conscientização e reflexão acerca das próprias vivências, bem como oferecer ferramentas para intervenções mais sistemáticas junto a um grupo em situação de vulnerabilidade social.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

sem comentários

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.924.735

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

apresentou todos os termos obrigatórios

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

sem pendências

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa.

Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1161457.pdf	14/08/2018 15:17:16		Aceito
Outros	Carta_Resposta.pdf	14/08/2018 15:16:11	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
Cronograma	4Cronograma_corrigido.pdf	14/08/2018 15:12:23	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
Orçamento	3Orcamento_corrigido.pdf	14/08/2018 15:07:18	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_corrigido.pdf	14/08/2018 15:06:00	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
Outros	5Instrumento.pdf	06/07/2018 01:05:42	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
Cronograma	4Cronograma.pdf	06/07/2018 01:04:51	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
Orçamento	3Orcamento.pdf	06/07/2018 01:04:37	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	2TCLE.pdf	06/07/2018 00:51:59	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura	1Projeto.pdf	06/07/2018 00:51:32	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

UFPB - CENTRO DE CIÊNCIAS
DA SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA



Continuação do Parecer: 2.924.735

Investigador	1Projeto.pdf	06/07/2018 00:51:32	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	certidaojoyce.pdf	06/07/2018 00:40:24	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito
Folha de Rosto	folhajoyce.pdf	06/07/2018 00:22:55	JOYCE HELLEM DELMIRO MARTINS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

18

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: UNIVERSITARIO S/N

Bairro: CASTELO BRANCO

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br